

Revista aeronáutica

2004

E-mail: revista@caer.org.br

Número 243



O Mito Voa mais Alto...
Alberto Santos-Dumont
Um Conflito Interminável
O Direito (e Dever) de Opinar
Brig. J. Carlos fala sobre o COMGAR

MINISTÉRIO DO AR — ANO QUARENTA A CAMPANHA PELA SUA CRIAÇÃO



27 JAN 41 — Campo dos Afonsos — Dispositivo formado para a Cerimônia de transferência da Aviação do Exército para o Ministério da Aeronáutica.





Feliz Ano Novo!

No início de cada ano, renovam-se expectativas, refazem-se metas, traçam-se novos objetivos, buscam-se novas forças, reavivam-se as esperanças.

Assim é, assim se passa, com pessoas e instituições e, naturalmente, com esta Revista, fortalecendo-a a cada ano.

Esta é a realidade com que vive a equipe desta Revista, que se dedica com profissionalismo e carinho ao que produz.

Aplausos e críticas!

São essas liberdades de expressão que nos trazem a recompensa.

Mas, são a estas liberdades que também são submetidos aqueles que ousam escrever.

São a estas liberdades que se subordinam a verdade e a mentira, o ridículo e a graça, a vida e...

São estas liberdades que condicionam a própria liberdade.

São estas liberdades, condicionantes de nosso espaço destinado àqueles que defendem idéias e querem dividi-las com outros.

Enfim, são estas liberdades que movimentam esta equipe na direção da seriedade e do fazer melhor.

Em 2004, exerçam a liberdade das liberdades – o poder da palavra – pensando, escrevendo e movimentando esse espaço literário...

Batam palmas e falem sobre.

Mas, façam...

Feliz Ano Novo! ✨

Márcia Regina I. Horta Galhardo
Psicóloga



Presidente:

Brig.-do-Ar R1 Danilo Paiva Álvares

1º Vice-Presidente:

Brig.-Med.R1 José Américo de Albuquerque Montenegro

2º Vice-Presidente:

Cel. Int. R1 Ricardo José Clemente

DEPARTAMENTOS

Administrativo:

Cel. Int. R1 Haroldo Prado de Azevedo

Patrimonial:

Cel. Av. R1 Fernando Moura Correia

Social:

Ten.-Cel. Int. R1 José Pinto Cabral

Cultural:

Cel. Av. R1 Mário F. Pontes Filho

Finanças:

Ten.-Cel. Int. R1 Irajá Domingues da Silva

Beneficente:

Cel. Int. R1 Haroldo Prado de Azevedo

Secretaria Geral:

Cap. Adm. R1 Ivan Alves Moreira

Assessoria Jurídica:

Dr. Francisco Rodrigues da Fonseca

SUPERINTENDÊNCIAS

Sede Aerodesportiva:

Ten. Av. Ref. José Menezes Filho

Divisão de Ultraleves Motorizados:

Ten. Av. Ref. José Menezes Filho

Sede Social:

Ten.-Cel. Av. R1 Cleber Cirilo dos Santos

Sede Lacustre:

Márcio Ganem Álvares

CHICAER:

Brig.-do-Ar R1 Danilo Paiva Álvares

Endereço:

Pça. Marechal Âncora, 15 - Rio de Janeiro - RJ - CEP 20021-200

Tel.: (21) 2210-3212 Fax: (21) 2220-8444

Expediente do CAER:

Dias: de 3ª a 6ª feira - Horário: 9 às 12h e 13 às 17h

Sede Aerodesportiva: (21) 3325-2681

Sede Lacustre: (24) 2662-1049

Revista do Clube de Aeronáutica

Tel./Fax: (21) 2220-3691

Diretor-Editor

Mário F. Pontes Filho

Gerente de Produção Editorial

Márcia Regina I. H. Galhardo

Jornalista Responsável

J. Marcos Montebello

Produção Gráfica

Luiz Ludgerio P. Silva

Revisão

Dirce Brizida

Conselho Editorial

Presidente

1º Vice-Presidente

2º Vice-Presidente

Chefe do Departº Cultural

Diretor Revista aeronáutica e Jornal arauto

As opiniões emitidas em entrevistas e em matérias assinadas estarão sujeitas a cortes, no todo ou em parte, a critério do Conselho Editorial, não representando com isto ponto de vista do Clube de Aeronáutica e, sim, dos seus autores. As matérias não serão devolvidas, mesmo que não publicadas.



Consultoria, Produção
Gráfica e Fotolito

Rua do Rezende, 80 - Centro - RJ

Tels.: (21) 2263 3892, 2221 1485

pigmento@pigmentofotolito.com.br

Índice

NOSSA CAPA



04 EDITORIAL

Caros Amigos

Brig.-do-Ar R1 Danilo Paiva Álvares

06 ENTREVISTA



Comandante-Geral do Ar Ten.-Brig.-do-Ar José Carlos Pereira

Redação

10 HOMENAGEM



O Mito Voa mais Alto...

Ronaldo Venâncio - Cap. Av.

12 DECEA



Uma História para Ser Contada

Telma Penteado

15 CRÔNICA

Reflexões Sobre um Bem Comum

Maria Veronica Aguilera

16 MEDICINA E SAÚDE

Emprego do Oxigênio sob Pressão nas Reconstruções da Face

Sylvio Luiz Costa de Moraes - Maj.Dent. Aer.

18 VISÃO DOS FATOS



Um Pouco de História sobre a Luta Armada no Brasil

Carlos Ilich Santos Azambuja

22 EM FOCO

O Direito (e Dever) de Opinar

Maj.-Brig.-do-Ar Ref. Lauro Ney Menezes



24 CENÁRIO INTERNACIONAL

Um Conflito Interminável
Manuel Cambeses Júnior - Cel. Av. R1

27 ACONTECIMENTO



Alberto Santos-Dumont
Dalva Lazaroni

30 ARTE



A Idade Média
Araken Hipólito da Costa - Cel. Av. R1

32 LOGÍSTICA

Logística
Ten.-Brig.-do-Ar Ref. Humberto Zignago Fiuza

35 MEMÓRIA



As Botas de Anesia
Ivan Von Trompowsky Douat Tanlois - Cel. Av. R1

38 MARINHA DO BRASIL



O Poder Naval na Formação e Consolidação do Brasil
Serviço de Documentação da Marinha

41 REFLEXÃO

O Sucesso Atrás do Muro
Percival Puggina

42 VIVÊNCIA

Vocação, Qual é a Sua?
André Modelo

44 MOMENTO

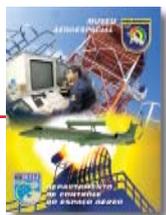


Ser Idoso Não é Ser Velho
Anna Guasque

46 CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Imagens Digitais Programadas: um mercado de bilhões de dólares e grandes oportunidades para o Brasil
Aldo Alvim de Rezende Chaves - Cel. Av. Ref.

48 MUSAL



Controle do Espaço Aéreo - Nova Atração no Museu Aeroespacial
Evaldo Pereira Portela

EDITORIAL

EDITORIAL

EDITORIAL

Caros amigos,

O Vice-Presidente do Conselho Deliberativo do Clube Monte Líbano, Sr Gilberto Adib Couri, escreveu um pequeno artigo intitulado *Como Matar um Clube*, que por sempre oportuno passo a transcrevê-lo, apesar de já ter sido publicado no arauto de junho de 2003.

Ameace deixar o Clube, sob o pretexto de que não adianta ser sócio e que é muito melhor ser convidado.

Deixe de pagar sua mensalidade alegando que existem muitos convidados freqüentando o Clube gratuitamente, logo você também não precisa pagar.

Não freqüente, mas quando o fizer, procure algo do que reclamar.

Use as instalações sem cuidado ou zelo, pois “não está na sua casa”. Deixe luzes acesas desnecessariamente e as torneiras abertas, jogue lixo no chão, e não se esqueça de reclamar que o Clube “está imundo”, e que “a taxa de manutenção está muito alta”.

Se comparecer a qualquer atividade, encontre apenas falhas no trabalho de quem está tentando acertar.

Nunca aceite uma incumbência. Lembre-se de que é mais fácil criticar do que realizar.

Se alguém pedir sua opinião, responda que não tem nada a dizer. Depois espalhe como as coisas “deveriam ser”.

Não faça nada além do inevitavelmente necessário. E quando a Direção estiver trabalhando, afirme que o Clube está dominado por um “grupinho”.

Não leia os informativos, tampouco os comunicados. Afirme que eles não trazem nada de interessante, ou melhor, diga que não os recebe regularmente.

Se for convidado para qualquer cargo, recuse. Alegue falta de tempo e depois critique com afirmações do tipo: “essa turma quer ficar com o poder”.

Ou melhor, quando convidado, aceite, mas não faça nada dizendo que não lhe dão “liberdade de agir”.

Quando tiver divergências com a Direção procure, com toda a ansiedade, vingar-se no Clube.

Sugira, insista e cobre a realização de eventos. Quando ocorrem, não compareça e depois espalhe: “ninguém foi”.

Se receber questionários, ou pedidos de colaboração, não responda. E se, a direção não adivinhar suas idéias e pontos de vista, critique e diga a todos que você é ignorado.

Depois de tudo isso, quando cessarem as publicações, as atividades diminuírem, as instalações estiverem desmoronando, estufe o peito e afirme com orgulho: “Eu não disse?”



Alguns fatos acontecidos recentemente levaram-me a recordar este artigo, senão vejamos:

1 – O Clube de Aeronáutica não acabou, não faliu e nem está fechado;

2 – O Clube está com todas as suas contas pagas e em dia;

3 – O Clube continua com todas as suas atividades sociais;

4 – O Clube está passando por algumas dificuldades, já explanadas à exaustão, com uma solução prática, adequada e exequível ainda este ano;

5 – A Sede Aerodesportiva foi interditada no final de dezembro de 2003 e estará em pleno funcionamento em janeiro de 2004.

Prezados sócios e leitores da *Revista aeronáutica*, releiam o artigo do Vice-Presidente do Conselho Deliberativo do Clube Monte Líbano toda vez que ouvirem alguma notícia contrária ao que está escrito nos cinco itens acima, e enquadrem o seu interlocutor como um tipo de mau sócio do Clube de Aeronáutica.

Feliz Ano Novo, Clube de Aeronáutica! 

Brig.-do-Ar R1 Danilo Paiva Álvares
Presidente

Ten.-Brig.-do-Ar JOSÉ CARLOS PEREIRA

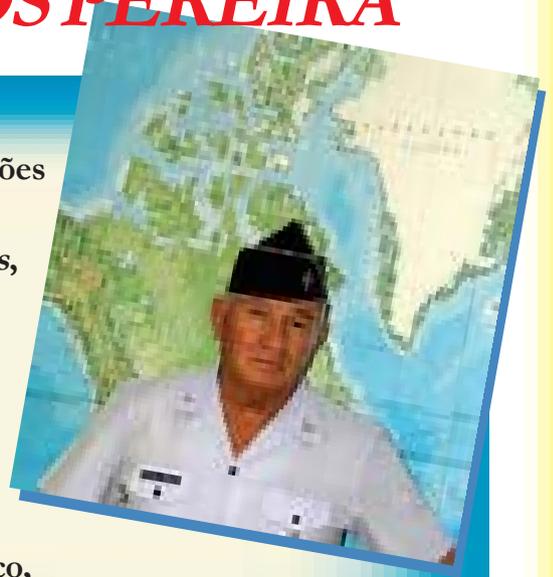
José Carlos Pereira, aspirante de 63, bom amigo, tenente-brigadeiro-do-ar. Sincero, dezoito condecorações na carreira...justo.

Estados-Maiores, Presidência, homem das *Informações*, Washington, Academia, Defesa Aérea...uma larga experiência profissional.

Inesquecível vítima dos *beduínos* (rapto, seqüestro, fumígeno etc.) em Fortaleza; tornou-se Caçador, pelo espírito; Guerreiro, pela profissão; Analítico, pela vida.

Numa só pessoa, o artista, o operário e o filósofo.

A *Revista aeronáutica* sente-se honrada em tê-lo conosco, atual **Comandante-Geral do Ar**.



RA – Como e quando pensou em FAB?

JC – A Força Aérea surgiu para mim como uma alternativa de escape – uma história anti-heróica, sem romantismos, fantasias e pieguices. Em 1955, eu era um garoto de 13 anos, em Salvador, filho único e órfão de pai e mãe. De minha mãe possuía apenas uma vaga imagem de mulher bonita, tensa e que cantava uma música que falava de sabiás. Foi-se quando eu tinha seis anos. Talvez seu grande erro tenha sido se apaixonar por meu pai, um combatente republicano da Guerra Civil Espanhola, percorrendo uma rota de fuga que passava por Salvador. De meu pai, tinha e tenho vívidas lembranças de suas narrativas de combate – a resistência de Madri, a luta na *Plaza Moncloa*, os bombardeios de Bilbao, o terror e o cheiro da morte, o batalhão feminino defendendo uma ponte, a figura da *Pasionaria*. Ele se foi quando completei meus treze, e então decidi que teria de deixar Salvador e encontrar outro lugar, qualquer lugar, e teria que sair com minhas próprias pernas. Para jovens não ricos, como eu, existiam duas soluções relativamente simples: a Igreja ou as Forças Armadas. Tentei a Igreja. Foi um tremendo engano, mas que durou apenas quatro dias. Alternei a Força Aérea apenas pelo prático motivo de que o concurso parecia mais fácil, em relação à Marinha e ao Exército. E assim, com 16 anos, me vi em Barbacena. Só então vim a conhecer realmente onde havia me metido. E gostei muito do que vi. Apaixonei-me pelo que, gradativamente, fui des-

coabrindo. E a cada dia, 45 anos depois e no topo da hierarquia, meu caso de amor pela Instituição ainda é um tema muito sério. Mas, também, existe sofrimento. Crescer na hierarquia e ampliar o horizonte de visada traz em anexo visões e contextos muitas vezes deprimentes e melancólicos. Tenho muita inveja das pessoas que não têm essas visões. Tenho muita raiva das pessoas que fingem não vê-las ou que aceitam passivamente suas ocorrências. Mas, no balanço de perdas e danos, os sentimentos de realização, de dever e de luta ainda levam enorme vantagem sobre os setores sombrios e inquietadores com que somos obrigados a conviver.

RA – Quando e como apareceu a filosofia em sua vida?

JC – A primeira coisa séria que li em minha vida foi *O Homem que sabia Javanês*, um pequeno conto irônico de Lima Barreto. Logo em seguida li *Zadig*, de Voltaire, outro conto, extremamente denso e oposto ao *Homem de Java*. Acho que desde aquela época, e por influência inicial de Barreto e Voltaire, passei a questionar a tinta e não a cor, o roteiro e não a *mise-en-scène*, as causas e não os efeitos. Descobri que Deus nada tinha a ver com a liturgia. As narrativas de meu pai também ajudaram – toda a tragédia espanhola, ele sempre repetia, foi uma tentativa de deter o avanço do nazi-facismo na Europa, ou seja, uma causa, uma origem. O interesse pelas origens me levou natural-



mente à busca de conhecimentos que só a filosofia pode oferecer. Gostaria de ter ido mais fundo, mas não foi possível. No entanto, ter estudado Platão, Espinosa, Merleau-Ponty, Marx, Nietzsche e Maquiavel, entre outros, facilitou-me passar pela vida sem muitos danos psicológicos e com baixo índice de fundamentalismo. Acho que ficou mais fácil decifrar Clausewitz. Com certeza, ficou mais fácil compreender e participar do conflito humano.

RA – Alegrias? Tristezas? Decepções?

JC – Minha fascinação pelo perguntório de Sócrates convive pacificamente com o pragmatismo selvagem de Charles Peirce. Acho que por isso não consigo ter grandes alegrias, tristezas ou decepções. Tive um casamento, um divórcio e outro casamento. Foram três momentos de alegria, principalmente o do divórcio. Tive um momento de tristeza marcante quando acompanhei lentamente a morte de uma pessoa amiga. Em dado instante, disse-me que estava com sono e pediu-me que contasse uma história. Falei dos sabiões cantadores da Bahia.

Minhas alegrias atuais e diárias são as informações do meu Chefe de Estado-Maior ou do Sistema de Comando e Controle informando que uma operação foi completada com sucesso, uma missão foi cumprida, que tudo deu certo, que pessoal e material concluíram o planejado e estão em segurança, prontos para a próxima. Não me sinto mal quando qualquer Comandante me traz algo de ruim no campo operacional – um acidente, uma falha grave, um risco alto que passou despercebido, uma reação inesperada. Longe de gerar aborrecimento, esses contextos geram solidariedade, união de esforços e um sentimento de que, permanecendo unidos e leais, resolveremos todos os problemas. Decepção mesmo é quando se confirma um crime, uma corrupção, um abuso de autoridade, uma negligência perniciososa. Nesses casos, há que ser duro na forma da lei. É uma tristeza, mas de caráter salutar.

RA – É sabido que o atual Presidente freqüentava do seu convívio. Ainda continua?

JC – Não é verdade que tive convivência com o Presidente da República. Parece importante esclarecer alguns fatos. Ainda na fase anterior à campanha eleitoral, aí por junho ou julho, um velho amigo, do meu tempo de Gabinete Militar do Governo Figueiredo, informou-me que algumas pessoas do PT estavam

interessadas em conversar comigo. Como nunca recusei uma conversa, alguns dias depois eu estava reunido com pessoas que não conhecia e que foram diretas ao assunto. Queriam que eu desse ao Partido alguma assessoria militar. Consideravam que o Partido necessitava conhecer melhor as questões, problemas e anseios das Forças Armadas e dos militares. Aceitei imediatamente colaborar, dentro de algumas condições: conhecimento total de meu Comandante, sem participação em manifestações políticas, na forma da lei, sem informações sigilosas e, também, ajudando qualquer outro Partido que solicitasse. Tudo aceitado e combinado, trabalhei duro no preparo de documentos que relatavam a situação das Forças Armadas, as questões estratégicas básicas, os desânimos existentes, as ameaças principais, segundo minha visão, e ofereciam um elenco de sugestões ao Partido e ao seu candidato.

Uma das minhas recomendações mais enfáticas foi pela absoluta observância de princípios e prioridades de hierarquia. No meu acordo com o pessoal do PT ficou claro que estava trabalhando, com plena consciência ideológica, para o fortalecimento do Estado e o bem do meu país. Qualquer que fosse o resultado das eleições, ninguém deveria nada a ninguém e meu compromisso se encerraria no dia do turno final. A partir daí, já deveria existir um esquema oficial preparado para apoio ao candidato eleito e eu, certamente, estaria fora desse esquema.

Apesar da promessa, por razões de consciência moral, decidi que nada faria em prol de um dos candidatos, que, felizmente, também nada solicitou. Outras pessoas de outros Partidos pediram minha colaboração. Ajudei no que foi solicitado, mas apenas o PT permaneceu todo o tempo conectado e com ansiedade por mais e mais dados e sugestões.

Logo no início, percebi ser indispensável contar com companheiros da Marinha e do Exército capazes de analisar e transmitir com mais segurança que eu as peculiaridades e questões de cada Força. Acho que procurei as pessoas erradas, porque o nível de rejeição encontrado foi muito alto. Decidi então que seguiria só e não mais ofenderia a consciência de quem

“E a cada dia, 45 anos depois e no topo da hierarquia, meu caso de amor pela Instituição ainda é um tema muito sério.”

quer que fosse. De fato, fui ajudado apenas por dois ou três oficiais não generais da Força Aérea e por um pequeno grupo da Reserva.

Com o Presidente então candidato estive quatro vezes, das quais em apenas duas conversei diretamente com ele sobre temas militares. Respondi muitas perguntas e dele ouvi com clareza e sem rodeios toda uma estrutura de pensamento, uma visão objetiva sobre a defesa nacional e idéias claras, muito claras, sobre as questões sociais do país e as brutais dificuldades que esperava encontrar e vencer. A palavra do candidato ratificou meu convencimento de que estava fazendo a coisa certa.

Conforme combinado, no dia do segundo turno encerrei minhas ligações. Desde então, só estive próximo ao Presidente em solenidades oficiais e para cumprimentos protocolares. Por outro lado, fiz bons amigos entre o pessoal do PT e de outros segmentos. Com eles mantenho relacionamento de companheirismo, não cabendo qualquer tema ou compromisso que signifique, mesmo superficialmente, ultrapassagem de canais, seja no nível da Força Aérea, seja no nível mais amplo do Ministério da Defesa.

RA – Teve problemas por isso?

JC – Problemas propriamente ditos não. Mas sei perfeitamente que algumas pessoas, poucas, me consideram como uma espécie de traidor de alguma coisa. Algumas simplesmente não falam mais comigo. Nenhuma, no entanto, teve coragem suficiente para me abordar diretamente sobre a matéria. De minha parte, morro de rir. De fato, sinto pena dos pobres de espírito. Estou convencido de que houve algum erro na tradução do aramaico. Deus não pode ter dito de que deles será o reino dos céus.

Por outro lado, também sei que houve ações efetivas de vigilância clandestina sobre minhas atividades. Não consegui descobrir qual organização ou grupo foi responsável; também não me empenhei na busca, principalmente porque descobri logo que estava lidando com agentes trapalhões e da mais alta incompetência. Limitei-me às medidas convencionais de inversões telefônicas, desinformação, *limpeza* dos retrovisores e táticas elementares de combate de rua.

RA – E o COMGAR?

JC – Acredito que está cumprindo sua missão com profissionalismo crescente. Tenho 13 oficiais-gene-

rais subordinados que se destacam pela coragem pessoal, iniciativa e lealdade à Instituição e ao país. Mantemos forte ambiente de confiança recíproca. Confio na minha estrutura de comando e em nossas Unidades Aéreas. Eles dão demonstrações contínuas de competência, de arrojo consciente e de altíssima capacidade de improvisar e sobreviver em ambientes críticos. Nossas Bases Aéreas, duramente atingidas pelas restrições orçamentárias, fazem milagres cotidianos e asseguram o suporte às Unidades operacionais. A COMARA pode ser considerada um desses heróicos e desconhecidos orgulhos nacionais. A Infantaria, a Guerra Eletrônica e a Instrução Tática são outros setores de eficácia e visão de futuro. Nosso Centro de Comando e Controle, infelizmente afetado com anos de atraso, resultado de conceitos medievais e posturas equivocadas, vem correndo em busca do tempo perdido, atingiu padrões internacionalmente aceitáveis e já assegura ao Brasil certa competência para liderar operações de combate multinacionais. O próximo grande teste será a Operação Internacional CRUZEX, no último trimestre de 2004. Em 2003, o COMGAR apoiou decisivamente diversas operações de nossa Polícia Federal. Salvamos muitas vidas, apoiamos a saúde, os índios, o meio ambiente; pela primeira vez nossas aeronaves abriram fogo de advertência sobre traficantes, atacamos e destruímos pistas e infra-estrutura do narcotráfico, interceptamos muitos tráfegos ilícitos, transportamos de tudo – autoridades, feridos, presos, polícia, índios, órgãos para transplante, sementes, remédios, máquinas e tropas. Vigiamos o mar e o espectro eletromagnético. Estivemos na África e pela América do Sul em operações de risco. Ajudamos nossos irmãos vizinhos, dividindo com eles um pouco de nossos meios, de nossas esperanças e de nossas angústias. Voamos cem mil horas e tivemos apenas um acidente fatal. Estivemos juntos com o Exército e a Marinha, nas fronteiras, nos diversos exercícios e manobras, na Antártica, no Timor, no treinamento de pessoal e naqueles momentos de necessidades inopinadas.

RA – E a FAB?

JC – É um privilégio fazer parte

“...atropelou o tempo, não se abalou mesmo em momentos dramáticos e teve coragem suficiente para mexer com tabus e alterar falsos determinismos, também historicamente falsos.”



dessa Força Aérea. Acompanho de perto as ações dos companheiros do Alto Comando, e é altamente compensador conviver com avanços acelerados, soluções corajosas e inovadoras, espírito de equipe e vontade férrea na superação de problemas. O ano de 2003, apesar de todas as limitações financeiras, foi um ano de renascimento. Em alguns setores foi quase revolucionário. No Ensino, por exemplo. A superação da tragédia do VLS e a retomada da ação espacial é outra boa mostra. O sistema de controle do espaço aéreo operou com extrema eficácia, não só preservando métodos e processos como avançando decididamente para um futuro repleto de desafios. A Logística ganhou velocidade e ampliou sua confiabilidade. A Inteligência renasceu forte e na trilha correta. Na Administração de pessoal foram ativados modernos conceitos de administração. Setores de Saúde, Engenharia, Intendência e Comunicação Social estiveram afinados como nunca com a modernidade e seus compromissos operacionais. E foi emoção pura acompanhar as manobras de Engenharia econômica realizadas pela nossa gente da SEFA. Tudo foi facilitado pela harmonia proporcionada pelo Estado-Maior da Aeronáutica, e a máquina Força Aérea acelerou sob um Comandante decidido, que permitiu liberdade de ação aos seus Comandantes subordinados, atropelou o tempo, não se abalou mesmo em momentos dramáticos e teve coragem suficiente para mexer com tabus e alterar falsos determinismos, também historicamente falsos. Tivemos ainda amplo apoio, solidariedade e compromisso do Ministro da Defesa.

RA – Algo especial com relação à América do Sul?

JC – Para 2004 está previsto um grande exercício internacional no Nordeste brasileiro, com participação, além do Brasil, de quatro países sul-americanos, um europeu e um africano. Teremos ainda vários exercícios bilaterais de policiamento de espaço aéreo em região de fronteira. Diversos intercâmbios foram ampliados. Teremos trocas de tripulações, alunos em diferentes organizações de ensino, formação operacional de pilotos, apoio logístico recíproco em diversas áreas, trocas de informações operacionais de interesse, em tempo real. Existe uma esperança de se retomar os vôos de ligação militar e diplomática no âmbito da América do Sul. Tudo isso faz parte de uma estratégia de governo visando ampliar a confiança recíproca no contexto do subcontinente, mini-

mizar custos por meio de exploração adequada das capacidades logísticas disponíveis e colaborar no fortalecimento defensivo de cada país, o que significa, de fato, maior segurança coletiva para toda a região.

RA – J por J

JC – Minha missão está chegando ao fim. Para um garoto que deixou Salvador pela porta da Força Aérea, absolutamente só, acho até que fui bem sucedido. Considero-me uma pessoa altamente tolerante, mas exacerbadamente radical no que concerne aos ladrões do dinheiro público, aos corruptos de todas as especialidades e níveis, trambiqueiros de nariz alto e revendedores da pátria. São vermes peçonhentos e costume tratá-los como tal. Sem qualquer medo de ser feliz. Adoro a minha

“Considero-me completamente preparado para encerrar minha carreira e, parcialmente preparado, para encerrar a vida.”

profissão, mas no dia que deixá-la será um fato definitivo. Nem tristeza nem alegria, apenas mais um fato. Considero-me completamente preparado para encerrar minha carreira e, parcialmente preparado, para encerrar a vida. Não me arrependo de nada embora reconheça algumas grandes bobagens que fiz. Sou profundamente feliz em ter tido oportunidade de ajudar na eleição do Presidente Lula. Sei que ele não é milagreiro, mas, certamente, a enorme legião de miseráveis do país, os comedores de melancia podre estarão menos solitários. Sinto-me bem em companhia de verdadeiros patriotas. Odeio a hipocrisia dos falsos moralistas. Amei e amo de paixão as pessoas que me amaram e me amam do mesmo jeito. Sinto-me mais seguro ao constatar que meu Presidente chora. Sinto-me muito bem ao ver mudanças, como o presidente da CUT obtendo de Bancos reduções de taxas de juros. Preocupa-me uma possível perda de bandeiras de lutas. Lutar ainda será preciso.

Quando morrer, minha alma estará vagando pelas praias de Itaparica, pela estrada de Ponta Negra, por aquele convento em Iuretê, por um bar que esqueci o nome, na Ilha do Governador, pela velha Lapa e pela colina sagrada. Apenas vagando, sem celular e sem e-mail. Depois, talvez vá me encontrar com meu pai. Acho que ele anda vagando pela *Plaza Moncloa*. 



*Ronaldo Venâncio- Cap. Av.
Esquadrilha da Fumaça*

A Aviação brasileira está de luto, perdeu um de seus mais ilustres filhos: o Coronel Aviador Antônio Arthur Braga.

Considerado um ícone da aviação brasileira, foi fonte inspiradora para diversas gerações de aviadores militares e civis. Acompanhado de seu inseparável amigo, o antigo T-6, arrancou suspiros e aplausos de milhões de pessoas com suas arrojadas e seguras acrobacias.

O Cel. Braga tornou-se conhecido publicamente em 1959, na antiga Escola de Aeronáutica, no Campo dos Afonsos (RJ), quando era instrutor de vôo daquela unidade e foi convidado para compor um seleto grupo de instrutores que formavam a incipiente Esquadrilha da Fumaça.

Na Esquadrilha da Fumaça tornou-se uma referência mundial. Realizou mais de mil demonstrações aéreas nos quatro cantos desse imenso Brasil e em diversos países da América do Sul e Central. Será sempre um verdadeiro exemplo de idealismo e amor a uma instituição. É, ainda hoje, o homem com mais horas de vôo na aeronave T-6 no planeta, possuía a incrível marca de 10.000 horas voadas.

Desenvolveu um importante trabalho como piloto e comandante da Esquadrilha da Fumaça, Unidade em que teve o prazer de servir durante dezessete anos (onze dos quais como comandante). Aproximou a aviação militar

“Na Esquadrilha da Fumaça tornou-se uma referência mundial.”



Breve Histórico

Nascido na cidade de Cruzeiro (SP), em 3 de fevereiro de 1932.

Ingresso na FAB: 17 de abril de 1950.

Ingressou na Esquadrilha da Fumaça em 1959.

Número de demonstrações: mais de 1.000.

Horas de vôo na Aeronave T-6: mais de 10.000; é o piloto com mais horas de vôo, no planeta, nessa aeronave.

Comandante da Esquadrilha da Fumaça de 1965 até 1976.

Trabalhou no Museu Aeroespacial (Brasil) de 1987 até 2003.

Data em que foi para a Reserva Remunerada: 14 de junho de 1982.

Data do falecimento: 8 de dezembro de 2003.

profissional dos pilotos brasileiros na condução de suas máquinas voadoras.

É difícil dissociar o nome *Cel. Braga* do avião T-6. Tão grande era a admiração pública para com essa dupla que o reconhecimento veio logo: em 1976, ano da desativação dos T-6 pela FAB, uma dessas aeronaves que pertenceu à Esquadrilha das Fumaça foi carinhosamente doada a ele.

Mesmo seguindo o caminho comum a todo militar, a reserva remunerada, não abandonou a aviação. Participou de inúmeras feiras aeronáuticas e cerimônias militares pilotando ainda o velho T-6, que parecia calçá-lo como uma luva.

A imagem de um excelente piloto e de um amigo especial como poucos vai ficar sempre na memória da Força Aérea Brasileira. A lacuna deixada com sua ausência será motivo para que se façam vôos cada vez mais arrojados, mais seguros, mais altos...

É assim que ele gostaria que fizessemos.



da aviação civil. Junto a um dos melhores pilotos civis de acrobacia aérea do Brasil, Alberto Bertelli, acabou com qualquer clima de competição que existia entre as duas aviações. Uniram-se com um propósito comum: mostrar ao público nacional toda a ousadia e capacidade



Não é de hoje que os mais diversos ramos da Psicologia afirmam que uma das necessidades primordiais dos seres humanos é a confiança. Precisamos confiar no outro como uma forma de garantir nossa sobrevivência. No entanto, é notória a dificuldade de colocar em prática a confiança nos outros, principalmente nos dias de hoje, em que a violência e a falta de segurança parecem imperar.

Nos recreios dos colégios, em exercícios de cursos de teatro ou até mesmo em dinâmicas de grupo em empresas, muita gente se diverte (outras nem tanto!) com uma brincadeira que revela o quanto confiamos – ou nos permitimos confiar – no outro. Um grupo pequeno de pessoas se reúne numa roda e uma pessoa fica no centro dela, de olhos fechados.

Fechar os olhos já é o primeiro obstáculo a ser enfrentado. Não é todo mundo que consegue ficar no centro de uma roda – mesmo que esta seja composta somente por amigos ou familiares – de olhos fechados ou vendados. Para muitos esta é uma exposição muito grande, na qual a pessoa fica extremamente vulnerável – o que não deixa de ser uma verdade.

Então, dando seqüência à brincadeira, esta pessoa é empurrada por alguém da roda e tem seu corpo amparado por outra pessoa que, ao recebê-la, imediatamente a empurra para outra e assim suces-

sivamente, até acharem que a experiência está de bom tamanho. Resumindo, o exercício diz respeito a deixar-se amparar de olhos fechados por alguém; é entregar-se em confiança. Esta brincadeira aparentemente superficial, infantil, revela como se dão as relações de entrega e confiança entre as pessoas. Quem está no centro da roda confia que alguém sempre irá ampará-la.

Quantas vezes na sua vida você, caro leitor, se viu em uma situação como esta, na qual sua segurança está nas mãos de outra pessoa? Algumas? Muitas? E quantas destas foram vivenciadas com pessoas totalmente estranhas? Assim acontece, por exemplo, quando nos ferimos e somos levados ao hospital (colocamos nossas vidas nas mãos de um médico que não conhecemos, confiando que ele terá competência de nos salvar).

E este certamente não é o único exemplo de um

Telma Penteado
Jornalista

“ Há momentos nos quais devemos nos sobrepor ao medo e à insegurança em prol da solução positiva de uma determinada crise.”



momento no qual deixamos de ter o controle total de uma situação e temos que confiar a solução de um problema que envolve nossa preservação a outra pessoa. Os pilotos e os controladores que o digam! Quantas histórias você já ouviu – ou até mesmo viveu – nesta agitada e emocionante vida na Aviação?

Bem, temos uma história de sucesso e muita confiança que merece ser contada.

Eram cerca de seis horas da tarde do dia 16 de fevereiro de 1987, quando o voo RG 101 da VARIG, vindo de Porto Alegre com destino à cidade do Rio de Janeiro e conduzindo 138 passageiros, apresentou uma pane grave: perdera todas as indicações de seus equipamentos de navegação.

As condições meteorológicas eram extremamente adversas e o combustível permitia apenas mais uma hora de voo de autonomia. As opções para o pouso, que não pôde ser realizado no destino original (Aeroporto do Galeão), eram Campinas ou Guarulhos. Diante do impasse, o Comandante do Airbus, Jayme Dahne, consultou o Controle de Aproximação do Rio de Janeiro se, excepcionalmente, não poderia conseguir autorização para tentar o pouso na Base Aérea de Santa Cruz.

A Base Aérea de Santa Cruz é um ambiente estritamente militar, que abriga aeronaves de interceptação da FAB e, portanto, não pode ser utilizada por aeronaves civis, a não ser em condições absolutamente justificáveis.

A partir daí, três telefonemas foram dados em seqüência.

O responsável pelo controle de aproximação no Galeão era o então Sargento Cosme (atualmente o Sargento Cosme é o Ten. Paulo Barcelos, Chefe da Seção de Investigação e Prevenção de Acidentes da Base Aérea do Galeão), que ligou diretamente para o controlador do Radar de Aproximação de Precisão – PAR de Santa Cruz, explicando a situação do VARIG 101 e consultando se não seria possível tra-

zer para o chão o VARIG em uma aproximação PAR. Não havia tempo a perder!

O controlador do PAR, Sargento Anderson, ligou imediatamente para o Comandante da Base Aérea.

À época, o Comandante da Base de Santa Cruz era o Cel. Lencastre (o Ten.-Brig.-do-Ar Lencastre é ex-Diretor-Geral do DECEA e atualmente Ministro do Supremo Tribunal Militar). Segundo o relato do Ten. Anderson em seu texto Terra Santa Cruz, o então coronel respondeu à sua solicitação dizendo:

– Eu autorizo o pouso. Está contigo, Guerreiro. Faça o melhor que você puder.

Com estas palavras de conforto e incentivo, o Ten. Anderson pôde elevar sua auto estima e tomar para si

a responsabilidade sobre o pouso da aeronave civil.

“Sentei-me à frente da tela do radar e logo identifiquei o plote da aeronave passando Jacaré na proa de Santa Cruz. Uma certa tranqüilidade me envolvia, pois em momento algum me passava pela cabeça que algo pudesse dar errado”, relata o controlador.

Após falar com o Comandante Dahne, “comecei a sentir um pouco de calafrio, mas eu sabia que não poderia deixar transparecer meu nervosismo, pelo contrário, eu tinha que encorajá-lo. Então orientei-o para o bloqueio do VOR (auxílio de navegação aérea) e, como os nossos procedimentos são reservados para a Aviação Militar, transmiti passo a passo todas as fases do procedimento november dois, para pouso na pista 22.

Quando a aeronave estava terminando a curva que iria alinhá-lo a aproximadamente oito milhas da cabecceira da pista, a torre, que já estava ciente do tráfego, ligou e disse:

– Controle, o CB (sigla correspondente a Cumulus Nimbus – formação meteorológica pesada) está sobre o aeródromo, tá chovendo muito e estamos fechando instrumento.

– Não conta isso pra ninguém e não fecha

“...em momento
algum me passava pela cabeça
que algo pudesse dar errado”



nada. Deixa eu pousar o VARIG, gritei da posição de controle.

Quando o VARIG alinhou na final, o Radar de Aproximação de Precisão, que já se encontrava ligado, começou a detectar aquele plote bonito, devido ao tamanho da aeronave. Então, em vez de mandá-lo trocar de frequência, empurrei minha cadeira e estiquei o fio do microfone. Postei-me à frente do PAR e transmiti:

– VARIG uno zero uno, a partir de agora lhe darei instruções de eixo e rampa, pois com nosso PAR tenho condições de conduzi-lo até o ponto de toque mesmo sem o senhor avistar a pista.

Estava tudo sob controle, apesar da chuva torrencial, do nervosismo aparente do piloto e do arco de suor que aumentava, gradativamente, embaixo do meu braço, na minha camisa azul baratêia. Quando comandeí:

– Top, seis milhas para o ponto de toque, inicie agora a decida final.

E os olhos grudados na tela.

Seu alinhamento foi perfeito do início ao fim, sem precisar de correções de proa. Eixo e rampa, eixo e rampa, até que a duas milhas do ponto de toque, o piloto gritou: – Estou avistando! Estou alinhado! Eu vou pousar, controle!

Junto a essa transmissão pôde-se ouvir uma balbúrdia de comemoração ao fundo. – Ciente, uno zero uno, a torre informa pista livre, livre pouso, acuse controlado.

Ele me informou controlado e, sem mudar de frequência, eu autorizei seu táxi até o estacionamento.

O Comandante já o aguardava no pátio, em sua viatura, com seu VHF móvel ligado. Então ouvimos a seguinte transmissão:

– VARIG uno zero uno, boa noite. Quem vos fala é o Cacique zero uno, Comandante da Base Aérea de Santa Cruz, Cel. Lencastre. Seja bem-vindo e confirme o apoio que necessita.

– Boa noite, coronel. Antes de qualquer coisa, eu gostaria que o senhor desse um abraço por mim neste controlador de vôo que nos colocou aqui no chão em segurança.”

Conforme a publicação da matéria sobre o pouso do Airbus no Noticiário da Aeronáutica (NOTAER)

“...este é um maravilhoso exemplo de total confiança.”

n.º 014/87, “O pouso com sucesso só foi possível graças à apurada perícia dos controladores do Radar de Aproximação de Precisão (PAR) de Santa Cruz, profissionais que reúnem condições técnicas para vetorar aeronaves e orientá-las para pouso sob condições de teto e visibilidade zero.

Este evento por si só justificaria os investimentos do Ministério da Aeronáutica, através da CISCEA (Comissão de Implantação do Sistema de Controle do Espaço Aéreo), nas Unidades da FAB, cujos recursos, além do emprego militar, podem ser utilizados em proveito da Aviação Civil comercial em situações emergenciais semelhantes a essa”.

Como podemos ver, este é um maravilhoso exemplo de total confiança. O Comandante Dahne confiou sua vida e as 138 vidas que estavam a bordo do airbus nas mãos do Ten. Anderson, então controlador do PAR. O Brigadeiro Lencastre, então Comandante da Base Aérea de Santa Cruz, também confiou o sucesso da operação ao controlador, que, por sua vez, confiou fortemente na sua capacidade profissional, ficando, corajosamente, à frente de uma operação desta magnitude.

Há momentos na vida em que não nos resta outra saída a não ser nos entregarmos nas mãos de outra pessoa. Há momentos nos quais devemos nos sobrepor ao medo e à insegurança em prol da solução positiva de uma determinada crise.

Este exemplo mostra o grau de acerto do Brasil em operar e manter um sistema integrado que reúne sob um mesmo comando os tráfegos civis e militares.

Assim é a Força Aérea Brasileira. Assim é a missão dos aviadores militares: pensar no futuro; pensar grande (projetos de nível internacional); projetar, desenvolver e executar tecnologias de ponta; bem como atender, proteger os usuários diretos e indiretos do transporte aéreo e garantir a soberania nacional. A síntese de tudo isto está no DECEA, onde um punhado de brasileiros – civis e militares – lutam diariamente, na difícil arte de conquistar e transmitir confiança aos demais.





Reflexões sobre um Bem Comum

Maria Verónica Aguilera
Jornalista

Tempo de matrícula nas escolas de ensino fundamental. Afligem-se pais e avós: com a vaga na escola pública, com a mensalidade do colégio particular, com a qualidade do ensino, com a formação dos professores, com a adaptação e segurança das crianças. Ei-los em breve com seus uniformes novos, e a velha e renovada esperança que nos despertam. Têm, sem dúvida, um longo caminho pela frente, de aprendizagem e descobertas. Mas, nos seus cinco ou seis anos de idade, carregam um cabedal de conhecimento de que freqüentemente não nos damos conta. Em seus frágeis ombros, deposita-se já o maior dos bens de sua condição humana e o mais rico patrimônio de seu povo e de sua gente: a língua materna. Potencial que a escola e a sociedade muitas vezes ignoram ou destratam, com danos irreversíveis. Lapidar ou dilapidar esse bem comum é trabalho de ourivesaria dos mais delicados. Exige conhecimento, habilidade e sensibilidade.

O que quer, o que pode esta língua? cantam uns versos de Caetano Veloso. O que queremos e podemos nós, nesta língua? Língua cotidiana, companheira de viagem dos mínimos acontecimentos, tão unha e carne, que nem sabemos mais se pensamos através dela ou se é ela que nos pensa. Língua das primeiras descobertas e surpresas; da alegria indizível, das dores caladas, da raiva impronunciável. Das eternas palavras de amor. De alguns encontros e tantos desencontros. Língua dos rituais. Oração e feitiço que se perpetua e renova em pensamento, palavra e ação.

Escritos de todas as épocas dão corpo a essa língua falada e falante, que salta hoje do teclado para a tela do computador, como, já se desenhava, ao correr da pena, em caprichados manuscritos. Novos instrumentos para um velho desejo de comunicação e expressão, de cuja antigüidade *falam* pré-históricos desenhos das cavernas.

Língua é, sobretudo, uma questão de amor. Desse ponto de partida, a viagem pelo mundo do saber fica muito mais prazerosa e produtiva. É conhecimento, sim e regras também, sem dúvida. A gramática normativa é necessária e fundamental, valioso ponto de referência e comunicabilidade na medida em que permite, aos falantes de uma língua, um código comum para ser seguido e entendido por todos, com a finalidade de facilitar as formas de expressão. E cabe à escola, entre outras missões, ensinar e trabalhar a gramática, com todos os seus alunos. Questão de democracia lingüística.

Mas, se falar ou escrever, de forma a traduzir idéias e sentimentos de pleno entendimento de parte do outro, ler, de maneira a apreender o pleno sentido do texto, fosse apenas um problema de gramática, não se veriam tantos problemas de interpretação e expressão entre as pessoas, em geral. Como dizíamos em recente curso, diante da angústia manifestada por alguns alunos sobre como escrever certo é preciso menos regras e mais afeto; menos *decoreba* e mais *Van Gogh*, menos prescrições e mais erotismo no trato com a linguagem.

Fernando Pessoa, na página imorredoura em que declarou *Minha pátria é a língua portuguesa (Livro do Desassossego)*, exprime bem essa paixão amorosa: *Lembro-me, como do que estou vendo, da noite em que, ainda criança, li pela primeira vez numa seleta o passo célebre de Vieira sobre o rei Salomão. «Fabricou Salomão um palácio...» E fui lendo, até ao fim, trêmulo, confuso: depois rompi em lágrimas, felizes, como nenhuma felicidade real me fará chorar, como nenhuma tristeza da vida me fará imitar. Aquele movimento hierático da nossa clara língua majestosa, aquele exprimir das idéias nas palavras inevitáveis, correr de água porque há declive, aquele assombro vocálico em que os sons são cores ideais – tudo isso me toldou de instinto como uma grande emoção política.*

Emprego do Oxigênio sob Pressão nas

O emprego do *oxigênio sob condições de pressão* – no meio médico denominado oxigenoterapia hiperbárica (OHB) – tem como base a *Medicina Submarina, ou Medicina Hiperbárica*.

Para melhor compreensão dos leitores, sem empregar terminologia técnica, os fundamentos estão relacionados aos conhecimentos básicos da *física* e da *química* – sem intentar ser simplista – que aprendemos ainda nos bancos escolares.

Sabemos que os três estados da matéria são: *sólido, líquido e gasoso*.

Quanto ao *peso, volume e forma* pode-se afirmar que:

- a) no estado *sólido* os três parâmetros são constantes;
- b) no estado *líquido* só a forma é variável, vez que se adequa ao *recipiente* que o contém;
- c) no estado *gasoso* somente o peso é constante – o volume e a forma são variáveis, pois *todo o gás tende a se expandir*.

Na verdade, em termos de sangue deve-se atentar para os estados líquido e gasoso – importantes para se entender os *efeitos da pressão* no interior de uma câmara hiperbárica (câmara de alta pressão).

De forma objetiva, a **OHB** consiste na administração intermitente de oxigênio a 100 % numa pressão ambiente – *pressão atmosférica – atmosfera absoluta (ATA)* – maior do que ao nível do mar, utilizando-se uma câmara hiperbárica.

A pressão atmosférica – aquela sob a qual vivemos (*uma ATA ao nível do mar*) vem sendo objeto de curiosidade há muitos séculos. Alguns registros apontam o ano de 1654 – *em Magdeburgo, Alemanha* – como aquele que efetivamente marcou a constatação da existência de uma força incidente sobre a superfície terrestre. Cita-se ainda que o ar comprimido tem sido empregado com fins terapêuticos

desde 1664, quando o médico inglês H. Henshaw *pressurizou um aposento*, utilizando um fole de órgão, para tratar *uma doença crônica*.

É importante entender que no ar que se respira, existe uma mistura de gases em concentrações diferentes: Nitrogênio (78%), Oxigênio (21%) e outros gases – incluindo o Gás Carbônico (1%). Portanto, o *gás predominante* é o *Nitrogênio* e não, o *Oxigênio*. Como o ar ganha as vias aéreas, chega aos pulmões e é transportado para o sangue, neste existem os mesmos gases – proporcionalmente nas mesmas concentrações.

Ainda quanto à relação entre os estados líquido e gasoso, pode-se citar duas Leis Físicas e alguns processos bioquímicos que ajudam o entendimento sobre o mecanismo de ação da **OHB** e dos métodos utilizados na Medicina Hiperbárica – a *Lei de Boyle*: “A uma temperatura constante, o *volume de um gás é inversamente proporcional à sua pressão*”, ou seja, num ambiente pressurizado, o gás sofre contração – e a *Lei de Henry*: “A solubilidade dos gases é diretamente proporcional à pressão, isto é, *quanto mais alta for a pressão, maior será a capacidade do líquido de dissolver o gás*”. O exemplo popular é o que constata que, ao abrir uma garrafa de refrigerante, o gás sobre pressão contido na garrafa se expande.

Portanto, compreende-se que os *gases contidos no sangue*, quando *sob pressão se liquefazem* e melhoram a perfusão (aporte sanguíneo e conseqüente oxigenação para todos os tecidos).

Deve-se atentar para o fato de que se vive sob uma ATA. Todavia, quando se está praticando o *mergulho subaquático*, em média, a cada 10 (*dez*) metros há o *acréscimo de uma ATA de pressão* sobre o corpo, ou seja, a 10 metros a pressão é de duas ATA, a 20 metros de três ATA e assim por diante. A Câmara Hiperbárica reproduz tais condições, possibilitando



Tumor e “close” do tumor



Caso que mostra extenso tumor de mandíbula envolvendo o “corpo e ramo mandibular” do lado esquerdo. Sequência de fotos que mostram o tumor + “close” do tumor + fotos do enxerto fixado + foto do RX 2 anos após (c/ close) mostrando excelente resultado.



Fotos do enxerto fixado



Reconstruções da Face

Sylvio Luiz Costa de Moraes
Maj. Dent. Aer.

a execução de *mergulhos secos* no seu interior.

Em bases consideradas científicas, a **OHB** é uma terapêutica que conta com uma História de meio século. É segura, eficiente e econômica. Sob condições de pressão, equivalente àquela encontrada a 15 (quinze) metros de profundidade de água salgada ou 2,4 a 2,5 ATA (atmosfera absoluta), devido ao notável aumento da fração de oxigênio dissolvido no plasma entre 9 a 10 vezes maior do que sob uma ATA – ao nível do mar, além daquela carregada pela hemoglobina, ocorre um aumento da oferta de oxigênio em todo o organismo. Por este motivo, tem mostrado ser extremamente importante e útil como adjuvante no tratamento de diversas condições infecciosas, inflamatórias, necrotizantes e de insuficiência vascular. Confere uma acentuada melhora no processo de cicatrização, tendo grande aplicabilidade na preservação de retalhos ou enxertos cutâneos comprometidos, ou na preparação local de enxertos, aonde tem se mostrado altamente benéfica.

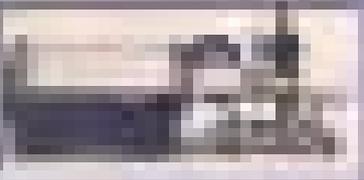
Emprega-se o seguinte protocolo de tratamento:

a) Pré-operatório: 30 (trinta) sessões diárias, com 90 minutos de duração sob uma pressão de 2,5 ATA (equivalente a 15 metros de profundidade), nas chamadas multi-câmaras (destinadas a alguns pacientes por vez) ou sob as mesmas condições por 30 minutos nas chamadas monocâmaras (destinadas a um único paciente por vez);

b) Pós-operatório: o mesmo protocolo.

Pelo fato do nosso **Serviço de Cirurgia Buco-Maxilo-Facial do Hospital Central da Aeronáutica** receber pacientes portadores de extensas lesões que acometeram o osso mandibular num percentual expressivo dos casos, o tratamento instituído, para tais condições, é cirúrgico. As operações consistiram em ressecção (retirada) do segmento acometido (parte do maxilar inferior ou mandíbula) – garan-

tindo desta forma a chamada *remoção em peça única*, praticamente inviabilizando as chances de recidiva – seguida de reconstrução imediata através de *enxerto ósseo livre, oriundo da crista ilíaca*, combinando a utilização de fixação esquelética do tipo rígida em titânio.



Entre 1997 e 2003 foram operados 31 (trinta e um) pacientes portadores de tumores da mandíbula que, embora benignos, evoluem com grande invasividade.

A partir de 1998, nosso Serviço passou a empregar a **OHB** rotineiramente no pós-operatório, para assegurar melhores condições ao enxerto ósseo livre, bem como ao seu leito receptor. Em 1999, iniciamos o protocolo que envolve o emprego da **OHB** tanto no pré quanto no pós-operatório. Para tal, conta-se com o apoio do **NUFISAL** (Núcleo de Fisiologia Aeroespacial), que dispõe das chamadas multi-câmaras.

Na iniciativa privada, o apoio vem de outros Centros de Medicina Hiperbárica, que contam basicamente com os dois tipos de câmara já mencionados: a monocâmara e a multi-câmara.

Finalmente a experiência do nosso Serviço vem ao encontro da constatação de que a **OHB** representa hoje uma ferramenta eficaz não só nas condições que envolvem a face, cabeça e pescoço, mas no tratamento de muitas doenças ou complicações decorrentes destas.

Fotos do RX dois anos após (com close)



**“A complacência de hoje é paga com as angústias de amanhã.
E se ela persiste, com o sangue de depois de amanhã.”
(Suzanne Labin, no livro Em Cima da Hora)**

Carlos Ilich Santos Azambuja
Historiador

A propósito da próxima passagem dos 40 anos da Revolução de Março de 1964, é interessante fazer um breve retrospecto, para as novas gerações de militares e civis, sobre o que foi a luta armada, no Brasil.

O período de violência armada, nos anos 60 e 70, foi um tempo em que, em todo o mundo, se propalava que o capitalismo estava com os dias contados. Um tempo em que as revoluções de esquerda eram consideradas iminentes, segundo aquela modelada pelos guerrilheiros cubanos que instalaram em Cuba uma república democrática popular (ou seja, *um governo do povo popular*, pleonasma que se prolonga até hoje;) e procuravam estender esse pleonasma a todo o continente; ou ainda segundo aquela copiada do livrinho vermelho de Mão Tsé-tung, de *guerra popular prolongada*.

Um tempo de mudanças e contestações, em que as teses filosóficas de Herbert Marcuse propalavam que era “*proibido proibir*”. Um tempo, enfim, em que um punhado de jovens militares e civis, sem dinheiro, sem doutrina e sem equipamentos, mas com disposição e vontade, no início por conta própria, é verdade, decidiram combater e, ao final, erradicaram o terrorismo, os seqüestros de diplomatas e de aviões e as guerrilhas urbana e rural.

A doutrina, o dinheiro, a organização e os equipamentos viriam depois. No início foram substituídos pela imaginação, pelo desprendimento e pelo forte sentimento de que era imperativo defender a sociedade. Os procedimentos iam sendo *inventados* na medida das necessidades, em face da rapidez com que os acontecimentos se sucediam.

Somente a partir de janeiro de

1970, com a constituição dos Destacamentos de Operações e Informações, subordinados aos Centros de Operações de Defesa Interna (DOI/CODI), passou-se a atuar ordenadamente. Então, Marighela não mais existia, embora tivesse deixado atrás de si um legado que, traduzido em vários idiomas, ainda iria causar uma montanha de mortos: o *Minimannual do Guerrilheiro Urbano*.

Tudo isso aconteceu não sem a perda de vidas, não sem sangue, suor e lágrimas e não sem que reputações fossem manchadas, carreiras abreviadas, promoções postergadas, injustiças e erros fossem cometidos.

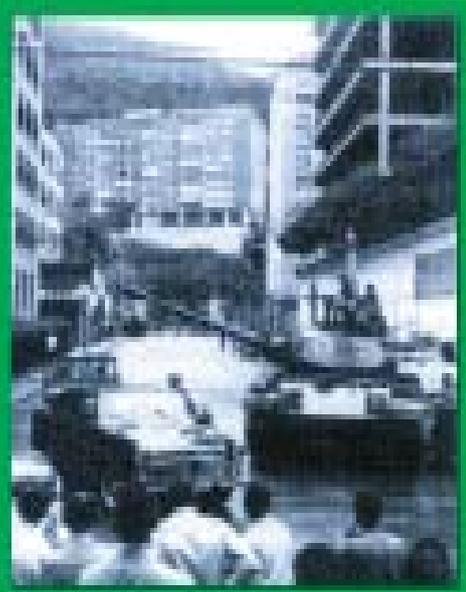
Foi um tempo duro, diferente e difícil. Um tempo, no entanto, do qual aqueles que o viveram e participaram devem se orgulhar. Um tempo que, esperamos, jamais voltará.

Passados 40 anos, alguns persistem em manter na ordem do dia uma discussão acadêmica sobre a qual muitas pessoas não têm clareza: o de quem deu

“... procedimentos iam sendo *inventados* na medida das necessidades, em face da rapidez com que os acontecimentos se sucediam.”

“Um tempo de mudanças e contestações, em que as teses filosóficas de Herbert Marcuse propalavam que era ‘proibido proibir’.”

Tropas nas proximidades do Palácio das Laranjeiras, residência presidencial, durante a Revolução de 1964, Rio de Janeiro





o primeiro tiro; quem nasceu primeiro, se o ovo ou a galinha; se o terrorismo ou a chamada repressão, com uma parte da mídia, alguns políticos, escritores e cientistas sociais advogando que a insana violência armada desencadeada pela esquerda radicalizada foi, fundamentalmente, uma reação à Revolução de Março de 1964, segundo uns, ou ao Ato Institucional nº 5, de dezembro de 1968, segundo outros.

A verdade é que o projeto de violência armada desencadeada pelo Partido Comunista do Brasil nas selvas do Araguaia, por exemplo, foi anterior à própria Revolução de 1964, e os projetos, nesse mesmo sentido, das demais Organizações constituídas pelos dissidentes do Partido Comunista Brasileiro, foram uma espécie de justificativa encontrada pelos militantes que abandonaram esse partido, por serem contrários à sua opção pelo chamado *caminho pacífico* da Revolução. Condenando o *caminho pacífico*, a alternativa era desencadear a Revolução.

Desde o início dos anos 60, a esquerda radicalizada alimentava o ovo da serpente, estimulada pelo exemplo da Revolução Cubana. Isso sem falar nas propostas de revolução armada que vinham de muito antes, na melhor tradição bolchevique, de assalto ao Palácio de Inverno, como o levante comunista de novembro de 1935.

O certo é que no período de agosto de 1961 – quando o Presidente Jânio Quadros renunciou – a 31 de março de 1964, foi colocada em xeque, no Brasil, a chamada *ordem constitucional burguesa*, segundo o jargão das esquerdas.

No governo de João Goulart, que sucedeu ao de Jânio Quadros, já existiam organizações e grupos voltados para aquilo que, sutilmente, era denominado de *formas de luta mais avançadas*:

– as *Ligas Camponesas de Francisco Julião* – mais tarde, em 21 de abril de 1962 transformadas, efêmeramente, no *Movimento Revolucionário Tiradentes* – são o exemplo mais nítido. Já em 1961, tão logo Julião regressou de uma viagem a Cuba, diversos militantes das Ligas foram mandados àquele país para receber treinamento militar. Ainda mais remotamente, recorde-se que em 1957, quando na condição de deputado federal, ao realizar uma viagem à União

“Desde o início dos anos 60, a esquerda radicalizada alimentava o ovo da serpente...”

Soviética, Julião solicitou a autoridades do PC Soviético o fornecimento de armas para equipar as Ligas e fazer a Revolução no Brasil (1);

– a Organização Revolucionária Marxista Política Operária (ORM-POLOP), que ficou conhecida como POLOP, constituída em fevereiro de 1961, agrupou elementos de várias tendências alternativas ao PCB, e se destacou pelo intenso trabalho de doutrinação e formação de quadros, bem como pela propaganda das idéias socialistas, tendo como referência os escritos de Rosa de Luxemburgo, Trotsky e Bukharin. Em maio de 1964, decorridos apenas dois meses da Revolução de Março, adiantou-se aos acontecimentos que viriam marcar a dinâmica das esquerdas por quase uma década, tornando público um documento que definia a guerrilha como o *caminho a seguir*, e em torno desse documento tentou cooptar e organizar os sargentos e marinheiros expulsos em 1964;

– o Partido Comunista do Brasil, constituído em 1962 a partir de uma cisão no PCB, ainda no Governo Jango, em fins de março de 1964, enviou um grupo de militantes à China, a fim de receber treinamento na Academia Militar de Pequim para, no regresso, a partir de 1966, instalar no Araguaia o embrião da *guerra popular prolongada* (2), teoria imaginada por Mao Tsé-tung;

– a Ação Popular (AP), constituída em 1962 com raízes no Cristianismo, particularmente na Juventude Universitária Católica (JUC), que exercia domínio indiscutível sobre a União Nacional de Estudantes. Desde sua formação, passou pela influência da Revolução Cubana, adesão ao marxis-

Às vésperas da Revolução de 1964, João Goulart participa da festa dos sargentos no Automóvel Clube do Brasil. Rio de Janeiro, 30 de março





mo-leninismo em 1968 e integração da maioria ao PC do B em 1973. Logo após a Revolução, mandou também um grupo de militantes receber treinamento político-ideológico em Pequim. Esse grupo, “regressou ao Brasil transfigurado e logo depois transformaria a AP numa organização marxista-leninista-maoísta”, conforme o depoimento de Herbert José de Souza, o *Betinho*, então coordenador nacional da AP (3);

– o Partido Operário Revolucionário Trotskista-Posadista, com efetivos reduzidos e nenhuma inserção social, constituído em 1952, pelo argentino conhecido pelo codinome de *Juan Posadas*, bem como diversos outros grupos trotskistas, embora seja verdade que nenhum deles jamais optou pela forma de violência armada;

– os famosos *Grupos dos Onze*, uma inspiração de Leonel Brizola, então deputado federal, constituídos em 1963.

O projeto de violência armada foi, assim, bem

“(...) Assim, antes da radicalização da ditadura, em 1968, e antes mesmo de sua própria instauração, em 1964, estava no ar um projeto revolucionário ofensivo.”

Daniel Aarão Reis Filho

anterior a 1964. Isso é reconhecido por aquela esquerda onde há um mínimo de vida inteligente: “(...) Assim, antes da radicalização da ditadura, em 1968, e antes mesmo de sua própria instauração, em 1964, estava no ar um projeto revolucionário ofensivo. Os dissidentes se estilhaçariam em torno de encaminhamentos concretos (...) Aprisionados por seus mitos, que não autorizavam recuos, insensíveis aos humores e pendoros de um povo que autoritariamente julgavam representar, empolgados por um apocalipse que não existia senão em suas mentes, julgavam-se numa revolução que não vinha, que, afinal, não veio, e que não viria mesmo” (4).

Nesse contexto, com dissidências em vários Estados, foi rápida a conversão das bases radicalizadas do PCB à tática da violência armada.

O PC Soviético, na segunda metade da década de 60, também treinou um grupo de militantes do PCB em táticas volta-

das para a violência armada denominada pelo partido, na codificada linguagem partidária da época de *Trabalho Especial*.

Entretanto, com exceção da *experiência* do Araguaia, através da qual o Partido Comunista do Brasil buscou a implantação do embrião da *Guerra Popular Prolongada*, com *know-how* importado da China, nenhum grupo de esquerda chegou a reunir, jamais, as condições mínimas de infra-estrutura para a instalação daquilo que o *cientista social* francês Regis Debray, companheiro de Che nas selvas da Bolívia, definiu como *Foco Guerrilheiro*, em seu livro *Revolução na Revolução*.

Os seqüestros de diplomatas estrangeiros e de aviões comerciais, os assassinatos a título de *justiçamentos*, a avidez com que eram praticados os roubos de armas, de agências bancárias e até mesmo de residências para financiar a instalação do *Foco* e como propaganda armada para *estimular as massas*, pouco a pouco foram transformados em tática militar e iriam consumir os principais quadros dessas organizações, levando ao seu total desmantelamento no início dos anos 70.

O Ato Institucional nº 5 assinado pelo Presidente Costa e Silva em 13 de dezembro de 1968 nada mais foi, portanto, que uma resposta. Antes disso, já existiam vítimas da esquerda radicalizada, como o soldado Mario Kozel Filho, morto em 26 de junho de 1968 quando da explosão de um carro-bomba atirado contra o portão do II Exército, em São Paulo e o *justiçamento*, em 12 de outubro de 1968, de Charles Rodney Chandler, capitão do Exército dos EUA, em São Paulo, na frente de seus filhos.

O AI-5 foi, portanto, um ato de legítima defesa do Estado.

O Ato Institucional nº 5 assinado pelo Presidente Costa e Silva em 13 de dezembro de 1968 nada mais foi, portanto, que uma resposta.



Aspectos da Revolução de 1964, nos jardins do Palácio Guanabara, Rio de Janeiro



Em todo esse contexto, a discussão acadêmica para descobrir, hoje, quase 40 anos depois, quem deu o primeiro tiro, não passa, portanto, de uma *masturbação sociológica* (5).

As guerrilhas urbana e rural ceifaram vidas preciosas de jovens idealistas, a grande maioria composta de universitários e até secundaristas, impregnados da ideologia que então lhes era inculcada nos colégios, escolas e universidades, pelos homens de palavra, que nunca colocaram em risco suas vidas.

Quando a violência armada nas cidades realmente eclodiu, no ano de 1968, as Forças Armadas, tradicionalmente, em todo o mundo, preparadas e condicionadas para travar guerras convencionais, chamadas para dar combate a essa guerra suja, viram-se frente a inúmeras dificuldades. Em razão disso, foi necessário, em um curto prazo, que se adaptassem, aprendendo coisas que não lhes haviam sido ensinadas nas Escolas Militares.

Para isso contou com a participação efetiva de um grupo de jovens oficiais e praças, e de alguns civis, prontos a servir a Pátria. Foram muitas, portanto, as improvisações. Os métodos de trabalho iam sendo aprendidos na prática, na medida em que os acontecimentos ocorriam, num ritmo cada vez mais alucinante.

Registre-se que o principal fator de fraqueza, que tornou vulnerável a esquerda armada, foi a extrema divergência entre suas concepções táticas, bem como a ânsia de mando, responsável por inúmeras e permanentes cisões, com a constituição de um sem-número de Organizações, grupos e grupelhos desprovidos de um mínimo de coesão e infra-estrutura, perdendo em capacidade de luta e tornando-se permeáveis à infiltração pelos Órgãos de Inteligência.

Hoje, os perdedores de ontem e seus epígonos, muitos com cargos no governo, mesmo após o desmantelamento da *doutrina científica*, com ares de reformistas, não cessam de explorar os mortos, de distorcer os fatos, de exaltar os covardes, fazendo acusações infundadas, promovendo falsos testemunhos e acusando com a ausência do contraditório. Esquecem os assassinatos, a título de *justiçamentos*, de civis não combatentes, de alguns de seus próprios companheiros que ousaram expor suas dúvidas e pensar com suas próprias cabeças; esquecem o abandono de companheiros nas selvas do Araguaia; e esquecem da eliminação traiçoeira de amigos e inimigos, *justiçados* após simulacros de *juízos*.

Essa é a VERDADE HISTÓRICA.



- (1) Declaração de Oleg Ignatiev, ex-Secretário da Embaixada da URSS em Buenos Aires; *O Globo*, 12 de julho de 1999, no obituário de Francisco Julião;
- (2) Livro *Combate nas Trevas*, do escritor marxista Jacob Goreneder;
- (3) Livro *No Fio da Navalha*, de Herbert José de Souza, o *Betinho*;
- (4) Daniel Aarão Reis Filho foi dirigente do MR8; banido do país em troca da liberdade do Embaixador Von Holleben, da então Alemanha Ocidental. Atualmente é professor de História Contemporânea na Universidade Federal Fluminense; artigo *Este Imprevisível Passado*, na revista *Teoria e Debate* (julho/agosto/setembro de 1996), editada pelo PT;
- (5) *Royalties* para o falecido Ministro Sérgio Motta, autor da frase.

Nássara



Maj.-Brig.-do-Ar Ref.
Lauro Ney Menezes

O DIREITO

A presença dos militares brasileiros na arena política é sobejamente conhecida. Mesmo tentando discuti-la ou questioná-la, é um fato histórico e irretorquível. Não cabe avaliar o quanto de espaço no cenário político as elites brasileiras cederam aos militares. Nem mesmo cabe julgar por que, quanto à formação castrense, *fechou-se em si mesma* por tanto tempo. Embora essa iniciativa tenha assegurado ao processo de formação e desenvolvimento dos seus membros, o cultivar e manter valores e ética, independentemente das alterações ocorridas extramuros.

Além disso, há um quê de *postura tácita* da Nação, e que parte da premissa de que *organização – metodologia – isenção – disciplina – hierarquia – desprendimento – vocação etc.* são apatrimônio somente dos militares, em detrimento daquilo que possa vir a ocorrer (ou estar ocorrendo) na sociedade como um todo. Razão pela qual, em circunstâncias emergenciais do passado, os cidadãos-fardados foram convocados, pela própria sociedade civil, a participar da solução de impasses políticos de momento.

Como decorrência do *retorno aos quartéis*, inaugurado e implementado após o ocaso dos governos militares, as lideranças fardadas naturais abandonaram o cenário, não existindo, na data de hoje, personalidades castrenses desejosas de aglutinar a caserna fora de sua missão e de seus compromissos constitucionais. Assim, as Forças Armadas Brasileiras se auto-impuseram a figura do *Grand Muet*, o grande mudo, mas que, mesmo não falando...pensa!

Sem muito se distanciar da visão geral, com

“...em circunstâncias emergenciais do passado, os cidadãos-fardados foram convocados, pela própria sociedade civil...”

relação à SITUAÇÃO NACIONAL, a opinião castrense pode ser sintetizada como se segue:

“...as Forças Armadas Brasileiras se auto-impuseram a figura do Grand Muet, o grande mudo...”

- a) a postura superfluida das lideranças políticas compele buscar o comprometimento da sociedade, como um todo, para fazer face à administração de possíveis crises;
- b) no atual clima brasileiro se inscrevem o fisiologismo, o descrédito dos políticos e o demonstrado descomprometimento político/partidário para com a Nação;
- c) a inflação é originada da (omissão) política;
- d) o sistema judiciário/penal e policial está em estado falimentar;
- e) a Constituição vive sob a ameaça de vir a ser reformada;
- f) a Nação se apresenta complacente para com a permissividade, que conduz ao aparecimento de *Estados dentro do Estado*, através do tráfico de drogas, do banditismo e da corrupção, da banalização da violência e do desprezo pelos valores éticos e morais;
- g) as lideranças políticas e comunitárias estão desacreditadas;
- h) a fome e a miséria que imperam são um inimigo a combater permanentemente.

As Forças Armadas não se despojam, em nenhuma circunstância, da posição máxima de fiadores da ordem e da lei.

Componentes das gerações militares passadas têm timidamente voltado ao cenário, estimulados a participar no equacionamento da gran-



(E DEVER) DE OPINAR

de problemática nacional. Assim o fazem motivados pelo abrandamento dos Regulamentos (naquilo que se refere à participação de militares no processo político partidário), assim como pela facilidade de acesso à mídia e à opinião pública, somados à expansão do sentimento de *associatividade em torno de interesses comuns*. Dessa forma, produzem declarações com o fim de gerar um *movimento de opinião*. Principalmente no que tange ao reequipamento das Forças, sua destinação constitucional, seu emprego operacional e no resgate da dignidade da profis-

"...deve se dispor a abandonar o mutismo e vir à luz, expondo posições, com mais clareza e ênfase."

são. E o fazem sob a égide do pleno direito de cidadão. A 1 é m disso, as velhas (e, por que não, as novas?) gerações, insatisfeitas com a baixa prioridade longamente atribuída à condução, e o tratamento dado às mais urgentes e justificadas aspirações das Forças Armadas, buscam saídas. A solução é encontrar uma forma de aglutinar a *massa de opinião militar* e direcioná-la, em busca da conquista de suas expectativas e atendimento de suas carências. E é aqui que a Reserva, (principalmente), *inferindo a missão*, deve se dispor a abandonar o mutismo e vir à luz, expondo posições, com mais clareza e ênfase.

Tentando contrapor-se ao odioso *status quo* e a quaisquer posições radicalizadas, o que as

Forças Armadas hoje procuram são os bons soldados, indiscutíveis profissionais das armas, que

encarnem a figura de representantes de uma comunidade que na busca e manutenção dos princípios basilares de sua

existência e sobrevivência tornem público sua filosofia e conceitos, na expectativa de, através deles, sensibilizar a parcela silenciosa da sociedade civil (e da própria militar), com objetivo de se integrar legitimamente à condução do processo político brasileiro, sem abandonar o exercício do regime democrático; assim como opinar na formulação das soluções para o encaminhamento dos assuntos profissionais. E, não há por que entender de outra forma a participação dos militares no *momento* brasileiro, já que ela faz parte do característico processo de *mobilização de opinião* dos regimes democráticos.

Em suma, na democracia do século 21, manifestação de militares não deve ser vista como exceção, mas sim como uma forma de atuação permanente para afirmar seus pensamentos e ideário, como o fazem os diversos segmentos da sociedade! Sem inibições.

OPINAR, PORTANTO, NÃO É SÓ DIREITO: É DEVER! ✈

"...manifestação de militares não deve ser vista como exceção, mas sim como uma forma de atuação permanente para afirmar seus pensamentos e ideário..."

UNICOMUNALITO

Manuel Cambeses Júnior
Cel. Av. R1

“Os homens buscam sempre boas

Há dias, conversando amenidades com um amigo durante um encontro casual no Clube de Aeronáutica, entre vários assuntos, abordamos a questão da Palestina. Para o meu interlocutor, a posição de Israel em relação à Palestina era incompreensível em face da origem bíblica de *Povo Eleito*. Ele questionava: como um povo tão especial aos olhos de Deus pode praticar tantas atrocidades contra os seus irmãos palestinos, sobretudo depois de ter sido vítima do Holocausto? A perplexidade do companheiro justificase. Custa ver povos afins, como o são o judeu e o árabe, enfrentando-se em terrível carnificina. Na oportunidade, tentamos explicar o fato, calcados na História.

Concluimos que os israelenses de hoje pouco têm a ver com o *Povo de Deus* da época de Abraão e de Moisés, ainda que naquele tempo também tenham sido pouco amistosos com os povos autóctones.

Os hebreus, quando se estabeleceram na *Terra Prometida*, não encontraram uma região desabitada. Ali já viviam outros povos, de raiz semita, como eles: os cananeus, desdobrados em várias tribos; e um de origem indo-européia: os filisteus. O topônimo Palestina é, aliás, uma corruptela de Filistina, que quer dizer *Terra dos Filisteus*, onde fundaram várias cidades-estados, entre as quais Gaza. Esta corresponde hoje a uma estreita faixa a sul do Estado de Israel, onde se alberga e sobrevive cerca de um milhão de palestinos. A ocupação do território *prometido* nem sempre foi pacífica e, depois do Êxodo, as guerras foram frequentes contra os povos locais, com o extermínio, inclusive, de alguns deles. Claro que, na óptica dos israelenses de ontem e de hoje, a *Terra Prometida* representa uma promessa Divina, outorgada aos Patriarcas Abraão e Moisés, pelo que têm o direito de a ocupar, custe o que custar. Os homens buscam sempre boas razões para justificar atos ignóbeis, e nisto, os judeus não são diferentes dos de-

“...na óptica dos israelenses de ontem e de hoje, a *Terra Prometida* representa uma promessa Divina...”

mais. Quando finalmente foi possível estabelecer, sob as lideranças de David e de Salomão, um verdadeiro Estado-Nação, este não durou mais do que um século. Logo depois Israel dividiu-se em dois Reinos: um ao norte, com o mesmo nome, e outro ao sul, Judá. Depois, ambos foram definhando mercê das inúmeras lutas internas pelo Poder e do desgaste do próprio Judaísmo que tanto os unia como separava, males, afinal, sempre temidos pelos Profetas. O domínio sucessivo da região por grandes impérios: o assírio e o babilônico, que obrigou os hebreus à sua primeira grande deportação, e, finalmente o romano, inviabilizou de vez a existência de um Reino Hebraico permanente, conforme a

tradição bíblica. Com a última diáspora, ocorrida durante século I, na seqüência de uma insurreição armada, conduzida pelos zelotas contra os romanos, os judeus sobreviventes foram expulsos de Jerusalém e migraram para diversos rincões do mundo. Os árabes vieram depois e lá se mantêm, mais do que todos os outros, há cerca de 12 séculos.

A vida dos judeus da diáspora, particularmente na Europa, não tem sido fácil, pelo menos até a Segunda Guerra Mundial, quando tiveram no Holocausto a mais difícil prova de sobrevivência. O sofrimento a que têm estado sujeitos deve-se, fundamentalmente, a dois fatores: ao seu arraigado





INTERNACIONAL

razões para justificar atos ignóbeis..”

sentido cultural, fundado na presunção de que são o *Povo Escolhido de Deus*, e ao estigma da usura que sempre os acompanhou ao longo da História, constituindo uma bandeira étnica que não se esforçam por rejeitar. Veja-se o episódio dos *Vendilhões do Templo*, que suscitou no tolerante Cristo uma reação violenta. Tais fatores os tornaram, em muitas situações, odiados aos olhos dos povos que facilmente foram mobilizados para campanhas anti-semitas por políticos insanos, como o fez, por exemplo, Adolfo Hitler. Há, entretanto, outros tipos de verdugos, em que se incluem alguns dos seus próprios líderes, que do seu sofrimento se têm servido para justificar e atingir objetivos políticos e econômicos, no interesse de terceiros. Os EUA são, atualmente, a esse respeito, um paradigma. A estratégia estadunidense para o Oriente Médio tem no Estado de Israel um parceiro privilegiado, não hesitando em fornecer-lhe os meios militares e financeiros que o tornam o exército mais bem equi-

“A criação de um Estado judaico, na Palestina, por exemplo, é apenas uma plataforma para vôos mais altos.”

pado da região. Por outro lado, a Comunidade Judaica Americana, que constitui um forte *lobby* financeiro e industrial naquele

país, manobra para que a Casa Branca tenha um papel instrumental na consecução dos objetivos do Sionismo. Há como que uma simbiose: Israel garante uma posição geoestratégica no Médio Oriente aos norte-americanos, e estes, indiretamente, contribuem para os propósitos hegemônicos dos sionistas radicais. Interessante destacar que esta aliança também foi tentada anos antes com os ingleses.

O Sionismo, criado no final do século XIX, por Theodor Herzl, um judeu austríaco, é uma doutrina laica, nacionalista e racista, que pretende não apenas o controle territorial da Palestina. Os *Protocolos de Sião*, que os sionistas negam ser os signatários, seguem nesse sen-

tido. Os fatos posteriores à sua publicação o comprovam. A criação de um Estado judaico, na Palestina, por exemplo, é apenas uma plataforma para vôos mais altos. Os sionistas mais moderados querem um Estado espraiado sobre os antigos territórios ocupados pelas doze tribos de Israel, e isso lhes basta. Porém, para os mais radicais, deverá ir do Eufrates ao Nilo, incluindo a Transjordânia. Certamente é uma ocupação que ultrapassa em muito a resolução da ONU de 1947.

Inicialmente, os líderes sionistas previam a compra das terras aos árabes, tanto que uma das resoluções finais do Congresso da Basileia foi a criação de um banco com esse fim. Contudo, a ocupação passou a ocorrer de forma violenta, com a expulsão de muitas famílias palestinas, o que originou uma imediata reação por parte dos palestinos, com greves e depredações de propriedades de judeus imigrantes. O Reino Unido, que tinha um mandato da Liga das Nações para controlar a região, contribuiu de forma irresponsável para o recrudescimento desse conflito. Ao permitir a imigração em massa de judeus europeus para a Palestina deveria saber que, mais cedo ou mais tarde, a guerra entre judeus e árabes estaria na ordem do dia e assim foi o que realmente veio a ocorrer. Veja-se, por exemplo, a *Declaração de Balfour*, em que o ministro inglês dos Negócios Estrangeiros dirigiu uma carta aos líderes sionistas manifestando o apoio do seu país à criação de um Estado Judeu na Palestina, embora ressalvasse a necessidade de se respeitar os direitos dos autóctones. Porém os palestinos nunca foram respeitados, nem sequer do ponto de vista cultural. Aos ingleses da época interessava, sobretudo, garantir um corredor na Palestina para o escoamento do petróleo do Ira-

“...a guerra entre judeus e árabes estaria na ordem do dia e assim foi o que realmente veio a ocorrer.”



“...o Sionismo criou uma organização terrorista: o Haganah, que levou a cabo vários atentados...”

que, já então considerado um produto estratégico para o Ocidente. A presença maciça de judeus europeus na região, pela sua ligação cultural e política à Europa, assegurava a perfeição de tal objetivo.

Durante o período que precedeu a criação do Estado de Israel, o Sionismo criou uma organização terrorista: o Haganah, que levou a cabo vários atentados, quer contra os ingleses, quer contra os árabes. Figuras como Menahem Begin, que foi Primeiro-Ministro do novel Estado judeu, e Ariel Sharon, que atualmente exerce o mesmo cargo, foram militantes ativos dessa organização que tanta violência provocou entre a população civil árabe. Cometeram atos que agora tanto se condena do lado dos árabes fundamentalistas. Naturalmente não apoiamos atos desta natureza, mas convenhamos: como faríamos se tomassem as nossas propriedades e nos expulsassem de nosso rincão?

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, e depois do fatídico Holocausto, estavam criadas as condições políticas para a criação do Estado de Israel, sob os auspícios das Nações Unidas. O fato levou a uma reação violenta dos países árabes, que não aceitaram a resolução, em consequência do que foi deflagrada a primeira guerra árabe-israelense. Venceram os judeus com o apoio do Ocidente, em resultado do que foram expulsos 800 mil palestinos de suas casas e de sua pátria. São os

filhos dessa população expurgada que hoje lutam para recuperar as terras de que os seus pais foram espoliados; lutam desigualmente contra forças de ocupação fortemente apoiadas pelos EUA. De uma posição de perseguidos e usurpados, como ocorreu durante dois mil anos, os judeus, principalmente os seus líderes políticos, passaram a perseguidores e usurpadores.

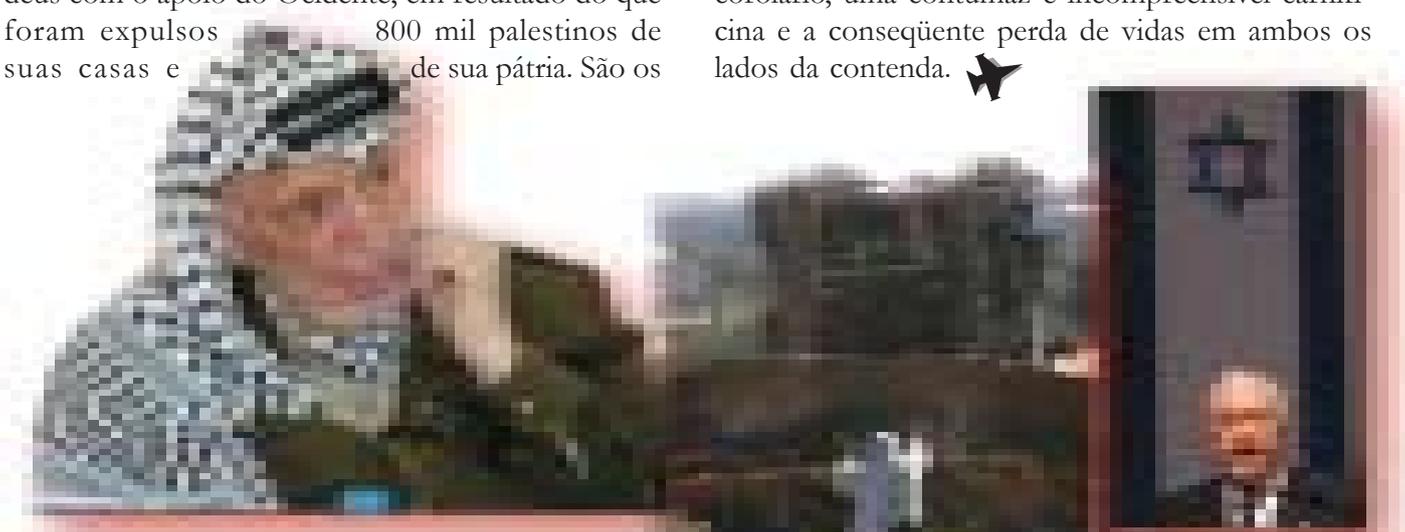
A recente posição manifestada por 27 pilotos de caça israelenses contra ataques a civis palestinos, aos quais se juntaram 500 militares presos que se negam a combater os seus irmãos árabes, constitui um bom sinal a caminho da tão almejada paz. Ademais, evidencia que nem todos os israelenses estão de acordo com os crimes que os seus líderes perpetraram em nome de uma estratégia que, se não for detida, levará, mais cedo ou mais tarde, a uma nova diáspora.

“De uma posição de perseguidos e usurpados, como ocorreu durante dois mil anos, os judeus, principalmente os seus líderes políticos, passaram a perseguidores e usurpadores.”

“A melhor solução para os dois povos é rejeitarem a política suicida de seus líderes e aceitarem-se mutuamente...”

Os sistemáticos atentados perpetrados por terroristas palestinos contra a população civil israelense semeiam um horror que de modo algum honra a causa da Palestina e apenas conduz a sacrifícios inúteis. A melhor solução para os dois povos é rejeitarem a política suicida de seus líderes e aceitarem-se mutuamente, buscando alternativas racionais e inteligentes para este conflito que parece não ter mais fim e que produz, como corolário, uma contumaz e incompreensível carnificina e a consequente perda de vidas em ambos os lados da contenda.





"Histórias e estórias são contadas a respeito..."

Dalva Lazaroni
Escritora e ex-Presidente da
Fundação Casa França-Brasil

Lamentavelmente, quando o assunto é Santos-Dumont, surgem logo alguns indesejáveis chavões. Coisas do tipo: *tirou a própria vida (em um quarto do Grande Hotel de La Plage, Guarujá, em 1932); o motivo teria sido uma profunda depressão*. Outros insinuam que *sua depressão foi causada após a constatação de que seu invento estava sendo usado em bombardeios, guerras, tornando-se um instrumento de morte e destruição*.

O absurdo chega ao cúmulo de existirem *testemunhas* que juraram terem visto Santos-Dumont *presenciar um bombardeio na Ilha da Moela, Guarujá, em frente à praia do Grande Hotel, pouco antes de recolher-se a seu quarto para enforcar-se, com a própria gravata*. Outros garantem que o inventor acabou com a vida usando o cinto do roupão de banho.

Histórias e estórias são contadas a respeito dos motivos que conduziram Dumont à morte. Há quem afirme que o suicídio foi em função de uma desilusão amorosa: apaixonado e se sentindo humilhado ao ver seu amor rejeitado por Dona Olívia Guedes Penteadado. Outros dizendo que o inventor não agüentou a dor de ser abandonado

por seu sobrinho e companheiro Jorge Dumont Villares. Muitos afirmam que a cantora lírica Bidu Sayão, casada com Walter Mocchi, visitava Santos-Dumont no Grande Hotel. Christian, morador do Guarujá, conta: *eu vi Santos-Dumont chorando na praia após ver o bombardeio do Cruzador Bahia, por três aviões "vermelhinhos", leais ao Governo Federal, na Ilha da Moela*.

A verdade é que Santos-Dumont não apareceu para o almoço de 23 de julho de 1932. Os empregados do hotel arrombaram a porta do quarto 152 e encontraram o *Pai da Aviação* já sem vida. Há registro de que o quarto de número 151 havia sido reservado para seu sobrinho Jorge.

Verdades ou invencionices? Não restam dúvidas, a biografia de Santos-Dumont é pautada por fortes emoções e fatos dramáticos. Quatro anos antes de morrer, quando voltava para o Brasil (3 de dezembro de 1928), a bordo do navio Cap Arcona, Santos-Dumont sofreu um dos mais duros golpes da sua existência: vários de seus amigos morreram a bordo de um hidroavião tentando homenageá-lo. Eles planejavam lançar, de um pára-quadra, uma mensagem de boas-vindas ao herói bra-

sileiro que chegava. Após uma infeliz manobra, o avião caiu no mar. Todos os seus ocupantes morreram, entre eles: Amauri de Medeiros, Amoroso Costa, Ferdinando Laboriau, Frederico de Oliveira Coutinho, Paulo de Castro Maia e Tobias Moscoso.

Desesperado, o *Pai da Aviação* acompanhou por vários dias as buscas pelos corpos dos amigos. Em profunda depressão, refugiou-se no Hotel Copacabana Palace; dias depois foi para sua casa em Petrópolis e mais tarde voltou a Paris, internando-se em um sanatório nos Pirineus.

Foi Antonio Prado Júnior, então exilado na França, após visitar o amigo Santos-Dumont em Biarritz, quem constatou seu total desinteresse pela vida. Prado Júnior comunicou o estado depressivo do amigo à família, no Brasil, solicitando que tomassem as medidas necessárias. Dias depois, Jorge Dumont Villares foi buscar o tio, passando, a partir de então, a ser seu fiel amigo e companheiro.

Com a saúde abalada, já em São Paulo, Alberto Santos-Dumont recebeu os cuidados médicos do Dr. Sinésio Rangel Pestana, que sugeriu ao inventor uma mudança de ares. O Senhor Santos então seguiu para o Guarujá, onde passou os últimos dias da sua vida.

Distante dos fatos fico imaginando, sensível como era Santos-Dumont, o que sentiria ao ver seu invento protagonizando cenas de horror, vistas por todo o mundo, quando aviões civis foram atirados contra as torres do *World Trade Center* e o Pentágono, em ações terroristas.

'Eles (os Irmãos Wright) não foram os primeiros, mas a vontade de voar ajudou a inventar o avião.'

Santos-Dumont e os Irmãos Wright

Sem dúvida, a irritação do *Pai da Aviação* é compreensível, quando o assunto era a invenção do avião. Muitos insistiam em creditar aos Irmãos Wright tal feito, o que é deveras injusto. O 14-Bis levantou vôo em outubro de 1906, sem recorrer a qualquer artifício. Já os americanos voaram somente em 1908 e seu aparelho alçava vôo apenas com o auxílio de uma catapulta.

No entanto, tenho certeza, Santos-Dumont ficaria feliz se pudesse ler a edição, de 10 de dezembro de 2003, do jornal americano *New York Times*, quando quase deu a ele o crédito pela invenção do avião. A começar pelo título do artigo: *Eles (os Irmãos Wright) não foram os primeiros, mas sua vontade de voar ajudou a inventar o aeroplano.*

É claro que o famoso jornal não coloca o dedo na ferida, mas reconhece no texto: *Alberto Santos-Dumont, um brasileiro que fazia pesquisa de vôo na França, é outro aviador considerado por alguns como o real Pai da Aviação. Ele foi o pioneiro em vôo dirigível antes de se dedicar a máquinas mais-pesadas-que-o-ar, baseado em relatórios dos trabalhos dos Irmãos Wright. No outono de 1906, Santos-Dumont fez os primeiros vôos observados de um mais-pesado-que-o-ar com autopropulsão na Europa.*



O Vôo que mudou a História e a França

O ano de 2005 será o ano do Brasil na França. Uma iniciativa daquele governo, que já contemplou diversos países, dentre eles o Japão e a China. Isto quer dizer que cidades francesas, através de seus museus, salas de exposições, cinemas, estão se preparando para celebrar a cultura brasileira.

Coincidentemente, também em 2005, estaremos comemorando os 450 anos da chegada dos franceses ao Brasil. Eram eles piratas ou corsários? Pouco importa. O que vale mesmo são as histórias que unem os dois países. E que histórias!

A começar por Santos-Dumont! Que em 19 de outubro de 1901 comprovou a dirigibilidade dos balões, demonstrada pelo nosso inventor, em Paris, ao contornar a Torre Eiffel no seu número 6. Nessa data, observado pelos membros do Aeroclube da França e por milhares de curiosos, cumpriu o percurso pré-determinado, dentro do tempo estabelecido, vencendo assim o ambicionado Prêmio Deutsch.

Tal feito teve grande repercussão, pois foi o primeiro na incrível série de eventos que marcaram o século XX, realizando um dos mais antigos dos sonhos do homem: o de voar. Mas Santos-Dumont não parou por aí. Persistente, acabou por realizar o

segundo maior evento: o primeiro vôo de um aparelho mais-pesado-que-o-ar: o 14-Bis.

Preparamos uma mostra internacional para homenagear Alberto Santos-Dumont, com acervo do Museu Aeroespacial localizado no Campo dos Afonsos, Realengo, incluindo valiosas peças, dentre as quais destacamos o 14-Bis, exposto naquela instituição. E é claro, não faltará o catálogo e um programa educativo voltado para os visitantes locais.

Quando esta exposição retornar ao Brasil, estaremos dando início aos festejos dos 100 anos do vôo do 14-Bis. E aí começa, de verdade, um trabalho fantástico de difusão, para os brasileiros, dos feitos e inventos de Alberto Santos-Dumont.

Mas que fique bem claro, não vamos mostrar um Santos-Dumont deprimido ou suicida. Isto pouco importa! Queremos que o mundo conheça melhor o *Pai da Aviação* como ele realmente era: alegre, pensador, bem humorado, tão generoso, que foi capaz de dividir o prêmio recebido em dinheiro com os pobres da cidade que o acolheu e com a sua equipe técnica.

Queremos mostrar seus inventos, desde o relógio de pulso, criado para facilitar a manipulação e o comando dos balões dirigíveis e ver as horas, até o arpão salva-vidas, o táxi aéreo e o hangar, que desenhou e planejou.

Com estes projetos, temos objetivos claros e definidos: dar a oportunidade aos brasileiros, democratizando estas informações e difundindo-as; a oportunidade de conhecerem melhor a história dos homens que ajudaram a construir a História do Brasil. ✈

“Eram eles piratas ou corsários?
Pouco importa. O que vale
mesmo são as histórias que unem os
dois países.”

A Idade Média

Araken Hipólito da Costa
Cel. Av. R1

“A religião era valor central para a cultura medieval.”

A Filosofia medieval consiste na associação entre Filosofia e Teologia. Utilizando a razão e a fé para defender e explicar as verdades reveladas, apresenta dois momentos ou fases bem caracterizadas: a Patrística (entre 200 e 700) e a Escolástica (entre 800 e 1300).

A Filosofia patrística é constituída pelas doutrinas elaboradas pelos escritores cristãos dos primeiros séculos que, em razão de sua ortodoxia e santidade de vida, receberam a aprovação da Igreja. Como em sua grande maioria quase todos eram sacerdotes, também foram conhecidos como Padres da Igreja, donde vem o nome patrística.

Mas foi no Ocidente, por obra de Santo Agostinho (354-430), a maior expressão da patrística, que se consumou no primeiro e grande sistema da Filosofia cristã. Mas suas obras mostram o caminho de um Santo que mudou sua história com decisões e responsabilidade diante da verdade. Sua autobiografia, a obra *Confissões*, é uma profunda análise psicológica que reflete duas coisas: o conhecimento da verdade e a subordinação de sua obra ao conteúdo, em que interessam os fatos e as experiências. O *eu* de Agostinho é existencial, é real. Santo Agostinho é o primeiro a falar do *eu*, é a alma no autoconhecimento humano. Este assunto é vital para o entendimento do fazer da arte.

Um fato importante para disseminação do saber no período medieval foi a criação das Universidades. Até então as escolas em vigor eram as escolas monacais, catedrais (episcopais) e palatinas (do palácio real). O ensino compreendia o trívio e o quadrívio como preparação para uma formação teológica bastante sumária. No século VII começou mudar a fisionomia intelectual da cristandade. Surgiram pessoas

com consciência de uma profissão específica: ser intelectual, trabalhador do ensino. Em torno delas surgiram as escolas superiores, embriões de Universidades, porque englobavam o universo de professores e alunos, uma organização para unificar e estruturar as atividades intelectuais. Foi em Bolonha que se formou a primeira Universidade (1088). Na Inglaterra (1163), surgiu a Universidade de Oxford; na França, a de Montpellier (1180); e a mais importante em Paris, em 1206. Existiu até uma disposição do Concílio de Latrão III (1179) que mandava fundar em todas as dioceses o ensino de Teologia. Entre 1200 e 1400 fundaram-se, na Europa, 52 Universidades, todas sob a influência preponderante da Igreja.

A Escolástica constitui-se no segundo período da Filosofia cristã, já plenamente inserida na Idade Média. O termo escolástico advém do termo latino *scholasticus*, com o qual eram denominados os professores normalmente formados nas *scholae claustris*, reservadas aos monges e, mais tarde, nas Universidades.

Mais adiante, o termo escolástico passou a designar genericamente os filósofos que seguissem certas orientações teóricas ou usos como: o emprego do latim, a preferência pelo método dialético-intelectual; a procura por uma adaptação da Filosofia greco-romana, especialmente a de Aristóteles, aos ensinamentos cristãos, uma filosofia que se submete à fé e às verdades do Cristianismo.

Dentro deste contexto, a figura de Santo Tomás tornou-se central no ambiente do pensamento cristão, praticamente do católico. O pensamento de Santo Tomás representa o resultado final e mais completo de um processo intelectual que vinha se desenvolvendo desde o início do Cristianismo. O fio condutor desse processo era o problema das relações entre a razão e a fé.

Esses dois tipos de conhecimento, o da razão e o da fé, possuem a mesma origem, que é Deus. Por isso não pode haver entre eles contradições intrínsecas, pois são apenas modos diferentes de participa-



Giotto, *Lamentação*, c. 1304-1313, 230x200cm

ção em uma mesma verdade, sendo evidente para o cristão que as relações entre ambos devem ser de subordinação do conhecimento racional ao obtido pela revelação.

Dessa colaboração harmônica entre a razão e a fé resultou uma nova ciência, tipicamente cristã, que é a Teologia.

Os textos da *Suma Teologia* mostram claramente como Santo Tomás entendia o papel da Filosofia e da Teologia. Como ciências distinguem-se pelo objeto formal: a Filosofia utiliza a luz natural da razão e a Teologia a luz natural da revelação. Tal conjunto de princípios constitui a base teórica da nova corrente doutrinária que ficaria conhecida como *Tomismo*. Nos séculos da Idade Média, o homem era olhado como criatura de Deus. Ele se definia na relação com o absoluto, o transcendente, o qual vivemos.

Filosofia e Teologia procuravam aprimorar a cultura da época, dar uma visão de vida. A religião era valor central para a cultura medieval. Daí afirmar-se que a cultura da Idade Média era teocêntrica, isto é, tinha Deus no centro como valor supremo.

Essa cultura traria reflexos na pintura, pois é neste período que, pela primeira vez, os artistas procuram tornar visível o transcendente. É a tentativa da representação do mundo sagrado. Repetidamente o céu deste mundo transcendente era pintado na cor dourada, pois significava o ouro, metal de maior valor.

Observa-se, também, que a representação dos

objetos figurados se situam ou se deslocam de acordo com a sua hierarquia. Assim, nas obras medievais temos o espaço agregado, em que os objetos se justapõem sem contabilizarmos suas relações espaciais, pois o artista não objetivava criar no plano, metodicamente, a ilusão da profundidade, e, sim, apresentar indivíduos e objetos conforme as relações de grandezas aparentes. O estilo da arte medieval é planar, tal como o egípcio, embora na arte egípcia não tenhamos representados os motivos de fundo. Já no estilo medieval, encontramos esses motivos, porém, de modo desvalorizado.

Outro fator significativo é o caráter geral da metafísica tomista, a qual é essencialmente realista, pois parte do princípio de que o ser, objeto do conhecimento humano, é anterior ao sujeito que o apreende. O ser é o pressuposto de todo pensamento. Isto conduz o artista a procurar o ser na realidade percebida, aquilo que está por trás das aparências. Desta maneira, evita-se incorrer na fantasia, no imaginário, recair meramente na cópia do exterior da natureza e dos seres.

Com relação aos materiais usados na Idade Média, os artistas pintavam em painéis de madeira, criando quadros articulados chamados retábulos para decorar os altares das Igrejas.

Outras formas eram as pinturas gigantescas: os aprendizes preparavam o reboco para passar na parede, outros preparavam as tintas, moendo pigmentos para depois misturá-los com ovos e, em alguns casos, com leite de figueira. Encarrapitado num andaime, o pintor pintava com rapidez e precisão sobre o reboco

ainda fresco. Ele não podia nem apagar nem corrigir seu trabalho, porque o afresco, uma vez seco, ficaria gravado para sempre na camada de gesso.

Giotto, o grande mestre da Idade Média, levou três anos para pintar as paredes e tetos da Capela Scrovegni em Pádua, na Itália (1303-1306).

A sociedade medieval caracterizava-se pelo Feudalismo e Cristianismo, que se integravam. A Europa inteira se considerava cristã.

Naquela sociedade, o artista era anônimo. Somente no final do período é que começariam a assinar suas obras. 

“... pois é neste período que, pela primeira vez, os artistas procuram tornar visível o transcendente.”

Logística

Ten.-Brig.-do-Ar Ref.
Humberto Zignago Finza

“A existência de grandes recursos não é fator de êxito...”

Desde as origens da civilização, quando os homens das cavernas lutaram pela primeira vez, provavelmente disputando a primazia sobre um animal abatido durante a caça, a guerra faz parte da cultura universal.

A 500 a.C. SUN TZU, em seu livro *A Arte da Guerra*, orientava que *Suprimentos* úteis são meios de facilitar a vitória. Guerreiros firmes e fortes são necessários para repelir assaltos.

Que cada soldado reúna rações para três dias, este é um meio de suprir necessidades de energia. A partir desta época, começou a surgir a atual *Logística* que, através dos anos, se transformou na ciência do estudo e planejamento para a previsão das aquisições, do fornecimento, do transporte e do armazenamento, e que está presente e atuante em qualquer atividade humana.

A Logística é crescente nos campos da nacionalização, da exportação, da importação e do comércio. Ela pode ser abor-

dada de forma micro (operacional) ou de forma macro (estratégica).

O campo das exportações deve ser fomentado e com continuado investimento, pois sem investimento não há emprego, sem emprego não há renda, sem renda não há consumo, o qual depende da produção, que é alimentada pelo investimento. Com o





círculo fechado, observar-se-á a existência do desenvolvimento em andamento e favorável a todos.

Quanto a custos, a Logística macro leva vantagem ao considerarmos o grande volume das aquisições. A micro, por ser mais limitada e imediata, tem seus custos mais elevados.

“ Qualquer planejamento deve ser antecipado de uma mobilização econômica...”

Devemos pensar estrategicamente, como país logístico, diante da explosão das atividades industriais, dos agro-negócios e de nossos interesses comerciais.

Exportar e importar a preços competitivos, como e para quem? E a contrapartida?

A primeira, voltada para a quebra de paradigmas (macro), e a outra, limitada (micro), voltada para os resultados imediatos.

Os resultados sempre demonstram que aqueles que adotaram a visão estratégica (macro) conseguiram maiores reduções de custo para melhor atendimento aos clientes.

A cadeia de suprimento deve ser alinhada nos seguintes componentes: o custo, a aquisição, o fornecimento, a distribuição, o armazenamento e o transporte, pois criam melhores condições econômicas. É vantajoso ao comércio e à indústria adotarem a Logística (macro) que baixa custos e atende melhor as necessidades dos futuros compradores.

A *operacional* executa o planejamento de uma concepção para atingir com êxito um objetivo.

A *logística* assume sempre o caráter de força dinâmica, sem o que a concepção passa a ser simplesmente um efeito desejado ou uma expressão de um desejo, sem os meios necessários para atender ao planejamento operacional. A concepção pode ser genial, mas sem uma sustentação logística sólida não atingirá o efeito desejado.

As funções logísticas não estão circunscritas a limites absolutos e rígidos. Ela se desenvolve em um campo cada vez mais amplo e absorve problemas sumamente heterogêneos. Para dar uma idéia conceitual, a Logística está limitada às disponibilidades econômicas.

Podemos dizer que o elemento que sustenta a Logística é o caráter econômico e comercial.

Ela tem sua raiz mais profunda no problema econômico, visto que sua ação, por mais que



Logística Aérea

A Logística Aérea é parte da Logística Militar, que é responsável pela determinação, obtenção, distribuição, reparação e manutenção dos meios necessários, destinados a efetuarem e sustentarem as missões aéreas, sendo também, a responsável pela organização, pelo planejamento, pela execução e pela supervisão de todas as suas tarefas.

Por princípio conceitual em uma Força Aérea, existem três responsabilidades concretas para o cumprimento de uma missão: a operacional, a logística e a técnica.

perfeita, não pode prescindir desta condição. Logo, é necessário entendermos que a Logística Aérea não se limita à função de adquirir; ela penetra ativamente no esforço econômico para fazê-lo.

Qualquer planejamento deve ser antecipado de uma mobilização econômica, pois o início de sua primeira tarefa é a obtenção.

A existência de grandes recursos não é fator de êxito sem que haja um adequado processo de obtenção e uma distribuição oportuna. As empresas não têm mais material nas prateleiras; é preciso fabricá-los, e

os TPR, prazos de entrega, muitas vezes são longos.

O princípio fundamental de uma negociação é a confiança entre parceiros.

O serviço *técnico* é um componente da Logística que é responsável pela investigação, fabricação, recuperação e manutenção de todo o material aéreo e seus equipamentos.

A área de manutenção e os seus serviços têm grande responsabilidade em manter as aeronaves e seus componentes operando com eficiência.

Os Parques de Material Aeronáutico devem dispor de uma gama de serviços para atender principalmente a todos os programas, assim como, Check's, PAR e IRAN, que são serviços de alta qualidade.

O Material Bélico tem uma característica que difere do Material Aeronáutico: sua periculosidade. Suas tarefas logísticas de obtenção, investigação, transporte, distribuição e armazenamento são realizadas por pessoal altamente qualificado e especializado nesta área tão sensível.

Entretanto a progressiva redução dos orçamentos militares está criando uma mudança de visão na Logística que vem aumentando a eficiência

“Em termos mais simples, on condition exige trabalhos de manutenção quando necessários.”

dos componentes, procurando diminuir custos. A filosofia de manutenção *hard time*, ou seja, a inspeção por limite de tempo, está sendo substituída pela *on condition*, que reduz a carga de trabalho, aumenta a disponibilidade e baixa os custos. Em termos mais simples, *on condition* exige trabalhos de manutenção quando necessários.

As aeronaves atuais têm no, *cockpit*, o *Maintenance Status Panel* – Painel de Estado de Manutenção, que girando um seletor define o estado de manutenção da aeronave, tendo ainda, o *Navigation and Control Display Unit* – Unidade de Controle de Navegação. Basta olhar o 1-IDD *Head Down Display* e, instantaneamente, aparece um relatório conciso sobre o estado da aeronave. O vôo é acompanhado pelo *Flight Fault Report*, que é acionado automaticamente por um micro *switch* instalado no trem de pouso, quando a aeronave decola.

A leitura é feita durante todo o vôo, analisando os sistemas da aeronave, interrogando e diagnosticando cada um.

As falhas são registradas e, no término do vôo, as discrepâncias acusadas. Elas aparecem na janela do *Ground Operator Panel* – Painel do Operador de Solo. A janela estando limpa, a aeronave está pronta para o próximo vôo.

O sistema gera uma enorme economia de pessoal e custos reduzidos de manutenção, atendendo a diminuição dos orçamentos militares. O novo caminho logístico foi aberto nas áreas de manutenção e serviços da aeronave, sendo o pacote elaborado de acordo com o desejo do operador.

Tal procedimento visa o mínimo de manutenção, máximo de segurança, aumento de disponibilidade e custos bastante reduzidos, atendendo melhor a disponibilidade orçamentária.

O Coronel Thorpe (USAF), precursor e estudioso de Logística, em seu livro *Logística Pura*, diz: *A Estratégia e a Tática proporcionam o esquema para a condução de operações militares; a Logística proporciona os meios para a realização das mesmas.*

Nesta ordem de idéias, a Estratégia e a Logística guardam uma íntima relação; são inteiramente interdependentes e conjugadas harmonicamente quando a concepção estratégica está apoiada por um adequado plano logístico. ✈





As Botas de Anesia

Ivan Von Trompowsky Douat Taulois
Cel. Av. R1

**Eterno apaixonado
por Anesia e Edite
ou talvez por
Edite e Anesia.**

Eu vou contar a estória de duas mulheres: Anesia e Edite.

Anesia Pinheiro Machado, um mito. Uma pioneira dos anos vinte. O mundo a reverenciou. Paris, Washington, Buenos Aires.

Edite, uma menina. Operária. Sem sobrenome. O mundo não a conheceu. Mas os pilotos a conheciam.

Qual delas foi a mais importante? Anesia? Edite? É difícil escolher.

As Botas de

Vocês irão descobrir que eu sou apaixonado por Anesia. Pelos seus olhos, *suas botas*, sua camisa cobrindo seu pescoço.

Mas também por Edite! E o que é pior, por ela e suas companheiras! As telefonistas de Santa Maria! Foram *anjos da guarda* de uma dezena de pilotos.

O tempo está ótimo.

Não, não venham. Chove uma barbaridade!

(Essa estória não está sendo fácil de ser contada).

Eu tenho que levá-los a um imenso canteiro de obras. Um presidente idealista, sonhador, construiu a nova capital do Brasil: Brasília. A Força Aérea Brasileira teria que defendê-la. E construiu a Base Aérea de Anápolis. E colocou ali as aeronaves MIRAGE.

Duas vezes mais velozes que o som: 2.400km por hora.

Relutei um pouco em contar essa estória.

Tive receio de críticas menores, da fragilidade evidente dessa *ponte* entre os pilotos de MIRAGE e seus *Anjos da Guarda*.

Sabem de uma coisa? Dane-se!

Anesia, os pilotos, Edite e suas companheiras possuíam a determinação dos pioneiros: vôo tem que sair!

Anesia, no longínquo 1923, e os pilotos de Mirage, em 1973, eram pioneiros, nesse inundo de poucos, de aventureiros, de idealistas.

Vou iniciar pela estória de Anesia.

Na realidade, existem duas estórias. A oficial e a não oficial.

Eu vou contar a não oficial.

A oficial, todos conhecem. A jovem de vinte anos, que em 1923 realizou o primeiro *RAID* São Paulo-Rio de Janeiro. Foi recebida no Rio de Janeiro por Santos-Dumont. A fotografia que tiraram, após a sua chegada, é um tesouro histórico. Calças de montaria, perneiras até o joelho, blusa de manga comprida, enlaçando totalmente seu pescoço. Os olhos enormes, rosto de menina, os lábios grossos.

Pousei em Guaratinguetá. O motor estava aquecendo. Eu devia estar com pouco óleo.

Os leitores não são obrigados a conhecer os primeiros

tempos da Aviação. Sua aeronave era um CAUDRON G-3, o primeiro caça da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). O que

chama a atenção é que não era a hélice que girava. Era o motor que girava com a hélice. Vá até o Museu Aeroespacial do Campo dos Afonsos e você conhecerá um deles. Lindão!

Não havia óleo para motor de avião em Guaratinguetá, naquela época.

Coloquei óleo de rícino. Era um laxante terrível.

Cheguei ao Rio de Janeiro fedendo. O óleo respingava na nacele. Coitado de Santos-Dumont!

Perguntei-lhe, certa vez, por suas botas. Era uma curiosidade minha. As imagens que me chamavam a atenção eram fotografias antigas dos *ases* da já Guerra Mundial, pilotos de caça famosos, Guynemer, René Fonk, Immelinann, Richthofen. Dias depois entra em minha sala, ergue uma perna, colocando-a em cima da mesa, e diz:

– Me acompanha há cinqüenta anos!

Vestia uma saia plissada negra, longa, que lhe permitia esse exagero! Ilhoses franceses. Ao invés do cadarço sinuoso acompanhando os furos, os ilhoses eram abotoados. Delicadamente!

– Houve alguma atividade aérea da Revolução de 1923?

– Não houve. A única aeronave dos revoltosos estava com a hélice quebrada em Santa Maria.

Quem respondia essa pergunta era a sobrinha do poderoso Senador Pinheiro Machado, figura maior da Velha República, assassinado por um adversário político, em um hotel, no bairro do Catete, confluência das ruas Marquês de Abrantes e Senador Vergueiro.

Conheceu e conviveu, na sua juventude, com lideranças políticas gaúchas, responsáveis maiores pelo declínio da Velha República e pelo surgimento da Nova. Borges de Medeiros, Flores da Cunha, Oswaldo Aranha, Baptista Luzardo, Getúlio Vargas foram personagens que conheceu na sua mocidade.

Casou-se, com um oficial general da Aeronáutica.

Não teve filhos. Suas iguais, a detestavam! Nas reuniões, sempre estava com os pilotos:

– Entrei um pouco alto, e glissei...

Era uma personagem fascinante.

Tinha sempre, na bolsa, uma garrafa de água cristal.

Whisky só com água cristal!

Ela me ligando, tarde da noite:

– Trompowsky, você vai voar amanhã?

– Vou.

– Eu vou contigo.

Escalei-a com o melhor instrutor. Bobagem. Na inspeção antes do vôo, ela, a moça de oitenta anos, dominava o menino instrutor. Na decolagem, alguém me diz:

– Ela já assumiu!

O pouso perfeito. Os jovens pilotos, testemunhas desse

“ Calças de montaria, perneiras até o joelho, blusa de manga comprida, enlaçando totalmente seu pescoço.”



Anesia

momento mágico, cercaram seu ultraleve. Alguém falou:

– Vamos abrir uma garrafa de whisky!

E ela:

– Tem gelo? A água cristal ela tinha levado!

Brigadeiro Délio, Ministro da Aeronáutica, seu amigo de cinqüenta anos, me liga:

– Trompowsky, não deixa ela voar solo. Ela fuma muito, e bebe um pouco.

Falei com ela. Ela escutou quieta. Era baixinha, bonita. Os olhos grandes.

Escuta-me em silêncio. Quando terminei, olhos nos olhos, me disse:

– Vocês são uns *cagões!*

E éramos. Seus pais, seus amigos, Brigadeiro Délio, Ministro da Aeronáutica, e eu.

A estória de Edite, eu prefiro contá-la como uma estória de amor.

Recuso-me o enfoque moderno; 121 (um, dois, um), mais o código da cidade, e você falaria com o mundo.

O ano, 1973. Embratel. Era estatal na época. Funcionava!

O único telefone da Base Aérea de Anápolis.

– Alô?

– Santa Maria informações. Bom dia!

– Bom dia! Aqui é da Base Aérea de Anápolis.

Pausa. Silêncio.

– Como é que está o tempo aí?

– Alô?

– Desculpe, é que nós estamos para decolar para Santa Maria, e não temos idéia de como está o tempo aí.

Pausa. Silêncio.

– Alô?

Pausa.

– Nós estamos falando aqui da Base Aérea de Anápolis, em Goiás. Nós vamos decolar com os aviões Mirage!

Pausa. Silêncio.

– Edite! Os Mirage estão vindo!

– Eu estou falando com os pilotos!

Trecho inaudível.

– Hoje?

– É, nós vamos decolar daqui a pouco.

Pausa.

– Mas olha, o dia está lindo.

Quando a *jardineira* (1) me pegou, não se via nada. Que nevoeiro, meu Deus. Agora está um soláço. Todo mundo *lagarteando* (2). Vinte quilômetros de visibilidade, CIRRUS/ESTRATUS a 3.000 metros, temperatura em elevação. Céu de brigadeiro. Essa foi a imagem que veio à mente do piloto de caça. Céu de brigadeiro. É quando o tempo está lindo,



– Eu estou decolando daqui a pouco para Santa Maria. Podemos nos encontrar?

claro. A lenda diz que eles só voavam com céu azul. Eu deixo em aberto essa afirmação... Não fique surpreso, leitor. As informações meteorológicas eram recebidas naquele *Canteiro de obras* às oito horas. Os meus tenentes necessitavam recebê-los às seis horas.

Não me imaginem um contador de estórias, frio, sem alma.

Não, eu vou lhes contar um delicioso conto de amor.

– Alô?

– Santa Maria informações.

– Bom dia.

– Bom dia.

– Que voz bonita.

Silêncio.

– Você acha?

– Você sabe de onde eu estou falando, não sabe?

– Anápolis, lógico!

Leitor, não critique, você foi jovem em algum tempo.

– Como você se chama?

– Edite.

– Que nome bonito.

– Você acha?

– Eu estou decolando daqui a pouco para Santa Maria.

Podemos nos encontrar?

Pausa.

– Eu saio às quatro...

Pronto. Três, quatro frases, e dois jovens se uniam.

O bardo inglês (3), ele mesmo apaixonado, que invente uma outra estória.

O meu tenente e Edite casaram-se, tiveram muitos filhos e foram muito felizes. Ponto final. ✈

(1) *Jardineira* – condução coletiva, rústica, com capacidade para 12 passageiros.

(2) *Lagarteando* – manhã fria. Quando o sol aparece, as pessoas se aquecem. Batem com os pés no chão.

(3) *William Shakespeare nasceu em STRATFORD-ON-AVON em 1492. Escreveu a mais bela estória de amor: Romeu e Julieta.*

Serviço de Documentação da Marinha

“...Marinha continuará a honrar o seu passado, ampliando

O Brasil transformou-se na sede de um Poder Naval constituído ainda antes da Independência, quando, em meio às guerras napoleônicas, o Príncipe D. João, Regente de Portugal, transferiu a Corte para o Brasil, trazendo grande parte da Esquadra e toda estrutura administrativa da Marinha portuguesa. Instalou-se no Rio de Janeiro, então sede da colônia, a Secretaria de Estado dos Negócios da Marinha e, sob sua subordinação, o Quartel-General da Armada, a Intendência e Contadoria, o Arquivo Militar, o Hospital de Marinha, a Academia de Guardas-Marinha, enfim, todos os ramos operativos e administrativos da Marinha portuguesa.

O mar foi, à época da Independência, uma área de ações obrigatórias no panorama bélico que se formou.

O Brasil, independente a 7 de setembro de 1822, tomou posse dos remanescentes da Marinha portuguesa na Baía de Guanabara. Não foi uma herança prometedora. Os elementos nativos recrutados eram escassos. A maioria das guarnições compunha-se de portugueses adiestrados, que não mereciam muita confiança. A solução encontrada por José Bonifácio (Ministro do Império e dos Negócios Estrangeiros) e executada na Europa por Caldeira Brant (futuro Marquês de Barbacena) foi contratar oficiais e marinheiros

A Fragata Niterói, comandada por John Taylor, oficial inglês contratado, foi destacada da força naval de Cochrane e perseguiu a esquadra portuguesa até o Tejo

estrangeiros, perto de 600, a maioria ingleses, dos quais havia grande disponibilidade com o fim das guerras napoleônicas.

Os esforços deram resultados. A 14 de novembro de 1822, fez-se de vela da Guanabara a primeira força naval ostentando em seus mastros a bandeira do Império.

Vencida a guerra de Independência, o período que se estende até 1870 foi o de maior

“O mar foi, à época da Independência, uma área de ações obrigatórias...”

atividade da Marinha, que, por isso, ampliou-se enormemente, chegando a dispor de mais de 150 unidades, e entrou na era da propulsão a vapor e dos canhões de alma raiada, tornando-se exclusivamente nacional.

A Armada brasileira desempenhou importante papel no bloqueio do Rio da Prata, durante a Campanha da Cisplatina (1825-1828), tra-

Rebocador de alto mar Laurindo Pitta, participante da Divisão Naval em Operações de Guerra (DNOG)



O Almirante Francisco Manoel Barroso da Silva, Comandante da divisão naval brasileira na Batalha do Riachuelo





sua herança de tradições e de trabalhos fecundos...”



O Almirante Marquês de Tamandaré, Comandante-em-chefe da Esquadra em operações durante a Batalha do Riachuelo

vada contra as Províncias Unidas do Rio da Prata (Confederação Argentina), tornando-se independente a República Oriental do Uruguai.

Por ocasião das insurreições e levantes ocorridos em vários pontos do território brasileiro durante a Regência (1831-1840), teve a Marinha participação destacada em apoio à autoridade do poder central.

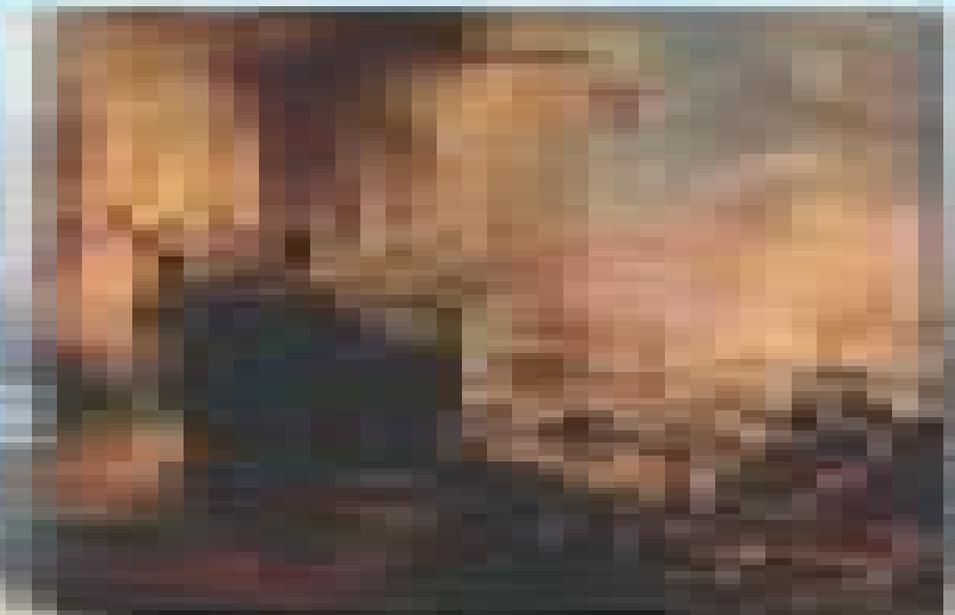
O Império Brasileiro, em 1851, reunido às forças do Partido Colorado uruguaio e às tropas leais ao governador da província argentina de Entre-Rios, José Urquiza, adversário de Rosas, derrubou Oribe, no Uruguai, e Rosas, na Argentina, estabelecendo uma hegemonia política brasileira na região do Prata, que só seria desafiada com a Guerra contra o Paraguai. Foi neste conflito que a Esquadra brasileira, sob o comando do Vice-Almirante Grenfell, ultrapassou Tonelero (17 de dezembro de 1851), em uma ousada ação, onde subiram o Rio Paraná as tropas aliadas que engajariam e derrotariam os exércitos de Rosas.

Porém, novamente, em 1864, eram as forças de terra e mar convocadas para luta. Em novembro daquele ano, motivado por uma disputa, não mais pela posse, mas pela influência na soberania uruguaia, o governo do Paraguai rompia relações com o Brasil.

Em abril de 1865, duas Divisões Navais já subiam o Rio Paraná com a tarefa de efetuar um bloqueio, próximo da confluência dos Rios Paraná e Paraguai, para cortar o eixo de ligação logística e deter o avanço das forças do ditador paraguaio Solano Lopez.

O confronto entre as forças navais nas proximidades de Riachuelo evocou uma das mais heróicas heranças da memória militar brasileira. Em uma grande vitória de largo valor estratégico, a Marinha fechou as vias fluviais para transporte de tropas e abastecimento logístico do Paraguai em guerra, possibilitando a utilização dessas vias no gradual avanço e cerco dos Exércitos da Tríplice Aliança (Império Brasileiro, Confederação Argentina e República Oriental do Uruguai) sobre o inimigo.

Em 1917, reagindo a um decreto do Império alemão ativando a campanha submarina irrestrita, no bloqueio da Europa, o que nos custou a perda de sete navios mercantes afundados, decidimos colocarnos ao lado dos aliados na Primeira Guerra Mundial.





O Contratorpedeiro Bracuí, recebido pela Marinha durante a Segunda Guerra Mundial



O Monitor Alagoas, belonave provida de couraça e propulsão a vapor, construído no Brasil em 1867



O Encouraçado Minas Gerais, um dos dois dreadnought adquiridos em consequência do programa naval de 1904-1906

Uma Divisão incorporando cruzadores, contratorpedeiros e navios auxiliares seguiu para costa da África, a fim de juntar-se à frota inglesa que lá operava. O maior inimigo encontrado em seu caminho foi a gripe espanhola, uma praga mundial que atingiu a Divisão brasileira em Dakar, resultando em tragédia de grandes proporções, com navios imobilizados, sem água, sem luz, sem cozinha, por estar toda a guarnição doente e incapaz de se por em pé. Assim, os navios foram tripulados por convalescentes. A epidemia deixou 176 mortos, mas não impediu que, dominada, continuasse a Divisão Naval em Operações de Guerra a atuar no pouco tempo que a guerra ainda durou.

Na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o envolvimento direto do Brasil deu-se entre 31 de agosto de 1939 e 8 de maio de 1945, dele tendo participado nossas três Forças Armadas. A Marinha e a Força Aérea asseguraram o tráfego marítimo ao longo do litoral brasileiro contra a ação de submarinos inimigos, sendo que a Força Aérea enviou, ainda, ao teatro de operações da Itália um contingente aerotático. Já o Exército participou com o envio de uma Força Expedicionária.

O trabalho realizado pelas Marinhas de Guerra e Mercante brasileiras durante o conflito mundial

foi silencioso, constante, pouco conhecido e bravo. O resultado desse esforço conjunto, com a presença permanente no mar e a vigilância alerta, foi a manutenção da livre circulação nas nossas linhas de comunicação marítima.

Nossa tarefa principal foi a de garantir a proteção dos comboios que trafegavam entre Trinidad, no Caribe, e Florianópolis. Foram eles 574, formados por 3.164 navios mercantes, dos quais apenas três foram afundados, apesar do avultado número de submarinos inimigos que operavam no Atlântico Sul. Documentos alemães confirmam que realizamos 66 ataques contra seus submarinos.

“Documentos alemães confirmam que realizamos 66 ataques contra seus submarinos.”

Fica, nesta breve mostra da história da Marinha do Brasil, a convicção de sua honrosa e dignificante participação na defesa do País e de seus interesses marítimos, bem como na efetiva participação no desenvolvimento social e econômico da Nação. Assim, a Marinha continuará a honrar o seu passado, ampliando sua herança de tradições e de trabalhos fecundos, deixando a certeza de que não faltará ao chamamento da Pátria, quando e onde for necessário, à semelhança do que já ocorreu em tempos passados, confirmando o legado de sua história. ✦



Percival Puggina
Escritor

“...onde não há competência, se extingue a competitividade.”

Depois que caiu o Muro de Berlim, formou-se um consenso bastante amplo sobre a incompetência do sistema que o produziu, ficando meio esquecido o fato de que por trás dele ocorreram três incontestáveis sucessos.

Os dois primeiros se deram na conquista do espaço e no aparelhamento para uma guerra total que a extinta URSS disputou contra os poderosos Estados Unidos e seus aliados, orelha com orelha. Esses dois casos positivos no conjunto da fracassada experiência comunista são uma evidência de algo muito importante para se compreender alguns fatos básicos da vida. De fato, em ambos os casos – no preparo para a guerra e na conquista do espaço – havia corridas sendo disputadas. E sempre que há competição, surgem o esforço, a criatividade, o investimento e o desenvolvimento. Na economia, o investimento é a aposta que os agentes fazem sobre tais ou quais possibilidades, num cenário onde o jogo dos outros concorrentes é desconhecido. Quando o estado é o único agente econômico, não há estímulo nem possibilidade de apostar e investir. Ora, como o espaço e as armas eram objeto de competição da URSS com outros países, surgiram ali aquelas condições que fazem a roda andar para frente. E ela andou, até que o restante da economia soviética parou.

O terceiro caso de sucesso, comum a todas as sociedades de inspiração marxista é o mercado negro, de onde lhes vem o mínimo oxigênio necessário para que se mantenham respirando. O mercado negro, aliás, é o puro e simples mercado, dito negro por ser declarado como proibido, embora sempre seja tolerado. Graças a ele muitos sobrevivem atendendo necessidades fundamentais da população.

Penso que devemos observar estas realidades que os fatos e a História nos ensinam para deles extrair o resultado da sofrida experiência de outros povos. Onde não há disputa, o esforço se reduz a suas mínimas dimensões; onde não há competição, não há prêmio, nem lucro, nem promoção; onde não há prêmio, some a competência; onde não há competência, se extingue a competitividade.

Exemplificando o que afirmei acima, imaginemos que por um passe de mágica o empenho que a esquerda brasileira vem fazendo na direção do assim chamado *software* livre se cristalice como comportamento dominante no mercado de informática. Nesse caso, estaríamos dando um tiro no próprio pé. Primeiro, porque nosso país é um dos três mais competentes na criação de *software*; segundo, porque a insegurança dos *softwares* livres é muito grande (ninguém pagaria pelo que pode ter de graça se o que for regalado tiver qualidade); terceiro, porque no momento em que se transformar a pesquisa científica e tecnológica em objeto de generosidade compulsória estaremos acabando com a criatividade e celebrando aquele pacto com o atraso que inibe o esforço, a competência, a criatividade.

Nada impede o Brasil de adotar, em repartições e escolas, um sistema operacional de uso livre, como o *Linux*, se isso for bom e permitir a utilização de máquinas tornadas obsoletas com o desenvolvimento do *Windows*. Mas não me venham com a conversa de inclusão tecnológica, tudo é de todos, e contra o direito de patente, porque isso acaba em mercado negro, em estagnação e em muro.

E, depois, isso mesmo acaba por derrubar o muro. Mas leva meio século.

“...ninguém pagaria
pelo que pode ter de graça
se o que for regalado
tiver qualidade...”





André Modelo
Jornalista

Ainda não estou bem certo do que vim fazer na Terra, mas sei que temos quase que a obrigação de encontrar a felicidade. Está certo que as chances não são iguais. Ao contrário da natureza, não existe perfeição em nossa raça ou sociedade. Além disso, acidentes de percurso acontecem. Normalmente, entretanto, todos podemos ser felizes!

Nossa espécie, que se diz racional, complica bastante as coisas. Diferentemente das ditas irracionais, precisamos muito mais do que casa e comida para manter a sanidade. Uma destas necessidades é a realização de tarefas diárias que ocupem nosso corpo e mente. O sonho de muitos: não precisar trabalhar, na realidade, é utopia. Se assim fosse, nenhum rico trabalharia. Além disso, todos seriam felizes... Já que trabalhar é preciso, que tal escolher as melhores profissões? Quando digo melhor, refiro-me à melhor para cada um de nós. Na definição de melhor devemos considerar tudo, incluindo tempo e custo de formação.

Se, para os pais, a orientação vocacional fosse tão importante quanto sua orientação sexual, as coisas ficariam bem mais fáceis. Afinal de contas, enquanto a última só tem duas opções, a primeira é um labirinto gigante, com muitas entradas, bifurcações, becos sem saída e apenas um ponto central. A boa notícia é que este *labirinto vocacional* tem o centro um pouco rebaixado em relação às paredes externas, facilitando um pouco a chegada ao centro.

Podemos resumir os muitos caminhos da seguinte forma:

"...este labirinto vocacional tem o centro um pouco rebaixado em relação às paredes externas, facilitando um pouco a chegada ao centro."

– alguns são mais *altos* que as paredes externas. Como podem ver tudo de cima, vão direto ao centro. Aconteceu com meu irmão mais velho, que desde pequeno gostava de eletrônica. Ele sempre trabalhou na área;

– outros felizardos, normalmente auxiliados pelos pais, acreditam em sua experiência e fazem o trajeto seguindo suas orientações. Também costumam encontrar o centro sem problemas;

– uma parte considerável nunca chegará ao centro. Uns por não ter forças para procurar. Outros por má orientação. Alguns por falta de oportunidades. Outros por puro comodismo;

– alguns encaram o labirinto sem saber o que está acontecendo. Podem até saber que existe um centro, mas fazem tudo às cegas desde o início. Testam muitos caminhos, acabam em um beco, voltam, tentam outro sentido... Se forem persistentes, atentos aos sinais da vida e tiverem sorte, podem atingir o objetivo. Foi o que aconteceu comigo.

Se pudesse voltar atrás faria quase tudo diferente. Não é uma crítica à orientação dada por meus pais.

Eles, pouco ou nada sabiam sobre os muitos caminhos fora de sua realidade. Eraram no que quase todos erram: querer para os filhos o que queriam para eles. No final das contas, tudo acabou bem. Depois de muito andar cheguei finalmente ao centro do meu labirinto:

1 – 1984/1986: comecei trabalhando como professor de inglês. Não por vocação, mas para praticar e perder a antiga timidez. Desisti por falta de tempo, quando cursava simultaneamente



te Engenharia (UFRJ) e Economia (UERJ);

2 – 1986: abandonei a Economia quando fazia estágio em um grande banco. Não tinha nada a ver comigo;

3 – 1987/1989: Trabalhei como engenheiro numa multinacional. Assim que saí da fábrica, a sensação de liberdade foi tal que notei que estava na hora de parar e pensar o que realmente queria;

4 – 1989: enquanto não encontrava um novo caminho, pela primeira vez na vida me dediquei a algo de que realmente gostava: *surf*. Nessa época comecei a trabalhar como modelo. No final do ano, numa temporada de três meses de *surf* na Praia da Pipa (RN), conheci o Forró e a Lambada. Foi paixão à primeira vista;

5 – 1990/1991: de volta ao Rio, no dia do Plano Collor, notei que seria impossível qualquer dos trabalhos anteriores. Assim que liguei a TV, vi cenas de um show do Beto Barbosa no Canecão. Sinal entendido! Passei a me dedicar completamente à dança. Minha especialidade era a lambada, mas também *pegava* trabalhos com samba ou afro. Quando os cachês pioraram, voltei a trabalhar como modelo. Aconteceu logo depois de ter dançado no último show do Beto Barbosa, no Canecão...

6 – 1991/1992: passei a me dedicar mais seriamente à carreira de modelo. Trabalhava por todo o Brasil até ser convidado a mudar para Paris. Ainda no Brasil, conheci o parapente;

7 – 1992/1993: como modelo internacional trabalhei na França, África do Sul, Holanda, Itália, Alemanha e Grécia. Depois de inesquecíveis viagens, resolvi voltar para o Brasil;

8 – 1994: em parceria com meu irmão mais novo, passei a construir Buggies a partir de velhos VW. De uma certa forma me realizava. Tra-

balhava como mecânico, de que gostava muito. Mas comparado ao que ganhava como modelo...

9 – 1994/1995: voltei a trabalhar como modelo, agora baseado em São Paulo. Lá os trabalhos sempre foram melhores que no Rio. Quando os trabalhos foram ficando escassos, voltar para o Rio foi a decisão lógica;

10 – De 1995 a 1999: comprei meu primeiro parapente. Desde o início foi quase uma obsessão: viajar, treinar, conhecer novas rampas e competir. Como os custos são elevados, os cachês eram fundamentais;

11 – 1999/2002: o parapente cresceu no Brasil e no mundo. O resultado foi o aparecimento de uma nova categoria profissional: Piloto de Parapente. Além dos prêmios em dinheiro nas competições, várias empresas passaram a investir no patrocínio de pilotos. O patrocínio da MITSUBISHI MOTORS permitiu-me dedicação total ao esporte. Tornei-me Campeão Carioca, Campeão do Circuito Brasileiro e Campeão Brasileiro;

12 – 2002/2003: para divulgar melhor o parapente e meus patrocinadores, tornei-me jornalista profissional. Escrevo matérias, faço imagens e fotos em todos os campeonatos e expedições de vôo. O material é fornecido para canais de TV, jornais, *sites* e revistas especializadas em esportes de aventura.

"Depois de muito andar cheguei finalmente ao centro do meu labirinto..."

Agora fica fácil entender minha desorientação inicial. Como poderia ter identificado o centro do labirinto quando ele ainda não existia? Ser Piloto de Parapente sempre foi minha vocação! Só o que tenho a fazer agora é divulgar o parapente da melhor forma possível, garantindo que ele conquiste seu devido lugar na mídia e no cenário esportivo nacional.

Estou certo de que sempre tive muita sorte. É lógico que não sou um caso único, mas por que arriscar? Um bom teste vocacional, lá pela metade da adolescência, seria um bom começo. Além disso, a orientação *não tendenciosa* dos pais também tem fundamental importância.

Boa sorte e bons vôos!



“Basta olhar dentro dos olhos e enxergamos a alma da vida.”

SER IDOSO não é SER VELHO

Anna Guasque
Escritora

Lemos que o recordar é do idoso e o lamentar é do velho.

Tal frase provoca um toque de meditação reconhecendo essa assertiva como verdadeira.

Entretanto, há pessoas ainda jovens, que adicionaram a lamúria como expressão de seu mecanismo de vida. Será a baixa auto-estima.

Consentimos, então em aceitar que há diferença entre sentir-se velho e ser velho. Esse jogo de verbos é presente em todas as características da vida humana. Ele avança para o definir das almas, para a seleção dos seres e vai se refletir na qualidade dos povos.

A juventude, mesmo a da Capadócia, é pressuposto que seja alegre, extrovertida, otimista, divertida. São, em todo o planeta, a primavera dos tempos. É imperioso afagar no regaço essa temperança, até o fim do nosso tempo individual. Todos compartilham em cada época, desse vigor sadio.

Tinham os jovens, usualmente, quintal com horta, galinheiro e jardim cheio de flores e verde.

Lembranças evocam o deslumbramento provocado pelo aroma do pé de manacá, do jasmim do Cabo. A acácia dourada, com suas cachadas balançando ao ar, atapetava o chão. Surge a goiabeira, que ajudava a marcar uma fictícia trave, na rede invisível para a concretização do gol, no futebol que os meninos jogavam no quintal.

Forma-se o clichê da hora do jantar, com a família reunida em tomo da grande mesa, partilhando o repasto e cada um revelando as novidades do seu dia.

Geralmente o pai era crivado de perguntas sobre o significado de cada vocábulo novo que traziam da escola.

As tachadas da goiabada, que era feita no quintal, transformavam em doce, os frutos da bendita árvore encanto da infância.

Esses focos luminosos do passado deixam



todos ao sabor dos pensamentos flutuantes. Estamos convencidos de que foi o passado que construiu o ontem, o hoje, e nos proveu de discernimento para encarar o toque do entardecer.

O espelho não nos mostra mais nenhum futuro, mas reflete a diferença entre a pessoa velha e a idosa. Basta olhar dentro dos olhos e enxergamos a alma da vida.

Nossos braços lembram os de nossas mães. Descobrimos que envelhecemos. Acontece o impacto com a realidade, que se impõe com ou sem cirurgias plásticas. As amigas começam a contar de suas dores nas costas. Outras, da fraqueza das pernas. É duramente criticada, a que continua a fumar. Alguns apertos de mão já estão a tremer e outros caminheiros já se fazem claudicantes.

Comenta-se sobre os oitenta anos de outra, que empunha uma bela e valiosa bengala, como se fosse um cetro de rainha. Oh! Ela já está idosa...

No grupo, outra é amparada pelas amigas para subir escadas. Lamenta-se continuamente. Oh! Ela está velha...

Algumas tantas sempre foram subjugadas pelos maridos e hoje falam neles o tempo todo. Esquecem que deixaram passar a oportunidade de opinar, agir, contestar para serem autênticas em solidariedade realista.

Aí reconhecemos a diferença entre estar só e ser sozinha, mesmo acompanhada.

Minha amiga, irmã pelo coração, vive em um

sítio no campo. Está cardíaca, cheia de horários para remédios. Não se preocupa com isso e inteligentemente mudou de hábitos. Escreve, telefona, caminha em seu próprio ritmo. Dá gosto vê-la contar as anedotas de português, mesmo sendo filha de um. Sua gargalhada é pura juventude e ao telefone nos divertimos tanto, que esquecemos as horas. Colecionamos nossas cartinhas mútuas nos desabaços e encorajamentos.

As mulheres são assim, sabem firmar amizades puras e participativas.

Somos o que somos, pelo poder de nossa energia; pelo saber carregar o produto substancial de nosso conteúdo cósmico; nós os seres humanos.

O instinto instala o reflexo do nosso mecanismo de viver. O nosso estado elevado de ser é inspirado porém, pela energia cósmica que nos é imanente. Ela nos informa sobre a razão através da vontade.

Na filosofia grega, Sócrates além do *conhece-te a ti mesmo* nos deu a evidência de que a *virtude não é mais do que a ciência do bem*. Isso significa o aprendizado de viver. Essas reflexões nos ajudam a aceitar a decadência da máquina física, porque temos em nós, a energia que percorre o universo criador. A lembrança do que somos, do que aprendemos e transmitimos, unida ao evoluir dessa energia é que nos tornará eternos. Entretanto, com quem convivemos desde o início até o fim de nossa vida, é cada um consigo mesmo.

Nosso pensamento é lúcido, portanto, estamos vivos, somos apenas idosos.

Não iremos para o céu nem para o inferno, já passamos por eles. Apazigua-se o coração quando a consciência está clara.

Entre os vagares do pensamento, entramos na Gerontológica da Aeronáutica para lembrar nossa visita. Encontramos a maioria das hóspedes mulheres, exercendo a criatividade, ativas intelectuais, todas idosas sem velhice.

Concluimos que não estamos; somos o ainda de nosso estádio de luz!

E como o poeta cantante, que faz viver sempre esperança, tomemos o tempo e façamos dele, todos os dias, o sempre de nosso agora.



“Nosso pensamento é lúcido, portanto, estamos vivos, somos apenas idosos.”

“Comenta-se sobre os oitenta anos de outra, que empunha uma bela e valiosa bengala, como se fosse um cetro de rainha. Oh! Ela já está idosa...”

IMAGENS DIGITAIS PROGRAMADAS:

Aldo Alvim de Rezende Chaves
Ten.-Cel. Int. R1

Modernamente, para desenvolver riquezas, um país tem que abrir caminho na alta tecnologia. Isto exige assistência governamental e participação da iniciativa privada. É assim que está fazendo Formosa, que pretende substituir sua indústria de bugigangas por uma gigantesca ilha do silício para computadores e indústria correlata, e que já movimenta, financeiramente, o dobro das exportações brasileiras. O Brasil tem uma oportunidade paralela no campo de imagens digitais programadas.

As primeiras câmaras digitais eram de imagens de baixa qualidade; as câmaras atuais fornecem imagens excelentes, reproduzidas em impressoras e por baixo custo. Entretanto a grande vantagem da imagem digital é que os dígitos podem ser trabalhados em programas de computador e visualizar imagens imperceptíveis à retina humana: uma revolução na Ótica, na Medicina, na Engenharia e em toda Tecnologia.

Isto tem especial pertinência em imagens que possuem elevado percentual de luz uniforme de fundo, como as imagens através de nevoeiros e aquelas ampliadas além do limite clássico da Ótica, conhecido como Limite de Rayleigh, onde se forma sobre a imagem uma luz uniforme de fundo cujo percentual é tanto maior quanto maior a ampliação. Publiquei esta teoria em maio de 1963, no Jornal Americano de Ótica. A NASA utilizou-a para construir seu fabuloso satélite telescópio KH-11, o qual, da altitude de 250 km, consegue imagens com nitidez para distinguir a face das pessoas e pequenos marrecos, como mostra a foto publicada pelo *New York Times* de 29 de

“... a grande vantagem da imagem digital é que os dígitos podem ser trabalhados em programas de computador e visualizar imagens imperceptíveis à retina humana...”

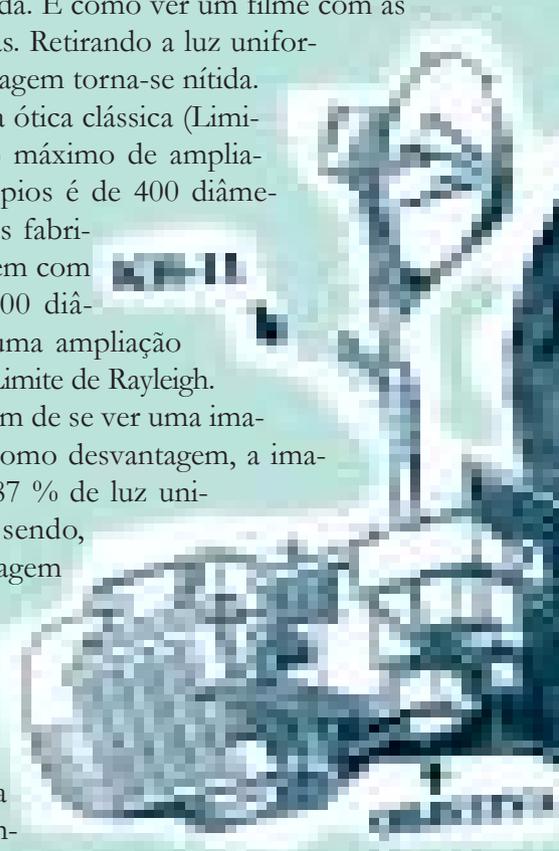
março de 1983. Caso não tivesse sido usada esta tecnologia para se obter estes detalhes, a objetiva do

satélite telescópio teria 18,5 metros de diâmetro e não uns vinte centímetros com se vê na figura. **Conclusão pericial: o satélite telescópio espião KH-11 amplia imagens 100 vezes além do limite clássico da Ótica ou do Limite de Rayleigh, fato estarrecedor para todos os físicos.**

Imagem é um conjunto de variações de luminosidade da retina, duais com as variações de luminosidade emitidas por um objeto iluminado. O olho humano só percebe variações de luminosidade de 5%, abaixo deste valor, interpretando-as como iguais. Por isto é que a presença de luz uniforme de fundo torna a imagem esmaecida. É como ver um filme com as luzes da sala acesas. Retirando a luz uniforme de fundo, a imagem torna-se nítida.

Pelo limite da ótica clássica (Limite de Rayleigh), o máximo de ampliação dos microscópios é de 400 diâmetros. Entretanto os fabricantes os constroem com ampliação de 6.000 diâmetros, ou seja, uma ampliação 15 vezes além do Limite de Rayleigh.

Isto traz a vantagem de se ver uma imagem maior, mas como desvantagem, a imagem tem apenas 87 % de luz uniforme de fundo, sendo, portanto, uma imagem esmaecida e pouco nítida. Isto poderá ser evitado programando a imagem digital de modo a eliminar a luz uniforme de fundo; além disso poderemos projetar ampliações microscópicas muito maiores, construindo aparelhos mais simples e mais baratos que os microscópios eletrônicos, o que será uma revolução na Medicina e em toda a Biologia. Por outro lado o microscopista que trabalhar com este tipo de imagem terá





um mercado de bilhões de dólares e grandes oportunidades para o Brasil

uma produtividade maior e não estará sujeito a tanta fadiga como aqueles que trabalham com imagens menores, esmaecidas e pouco nítidas, como as produzidas pelos microscópios usuais; todo diagnóstico, com laudo e imagens, poderá ser gravado para arquivos de estudo e perícia.

Outra vantagem das imagens digitais é poder operar com imagens além da tricromia. Uma imagem em tricromia é um milhão de vezes mais informativa que uma imagem em monocromia ou em preto e branco. Usando quatro cromias teremos imagens um milhão de vezes mais informativas que em tricromia.

O potencial informativo da imagem é tanto maior quanto for o número de cromias. Como

o olho só percebe imagens em tricromia, temos de transformar as imagens produzidas em quatro, cinco ou mais cromias, em imagens em tricromia. Uma imagem em quatro cromias pode produzir 100 imagens em tricromia. Uma imagem em cinco cromias pode ser represen-

tada em 10 mil imagens em tricromia. Com um número tão grande de imagens, temos de pesquisar qual a imagem que nos dará as informações que desejamos e descartar as outras imagens. Parece complicado, mas sabendo o programa, isto é muito rápido, além de podermos fazer diagnósticos de grande

precisão; seguindo esta tecnologia, um exame dermatológico poderá determinar rapidamente, e com baixo custo, o estado clínico de um paciente quando as modificações na pele ainda são imperceptíveis ao olho humano. Isto decorre do

“Os médicos estão interessados num programador de imagens que separe com nitidez um tecido sadio dum tumor...”

fato de se tornarem perceptíveis imagens que estavam imperceptíveis. As relações entre as cores e cromias divulguei na revista italiana de Ótica, em dezembro de 1995.

Os médicos estão interessados em um programador de imagens que separe com nitidez um tecido sadio de um tumor, o que será possível programando a imagem captada. Atualmente esta diferenciação de imagem é muito limitada, o que faz com que o bisturi seja trabalhado aquém e além do correto.

Com programações adequadas podemos obter radiografias mais informativas. Sobre este assunto apresentei um trabalho na Conferência Internacional de Optoeletrônica realizada na Índia, em 1998.

A tecnologia de programação de imagens digitais tem um vasto campo econômico e tecnológico, tanto militar, na Medicina, como na Engenharia, um mercado de vários bilhões de dólares. Já existe em várias empresas, grande variedade de produtos que poderão ser usados no desenvolvimento do *hardware*; isto é o que os sociólogos chamam de condições maduras para o aparecimento de uma nova tecnologia.

Os programas de computador são o grande filão de ouro para se ganhar muito dinheiro. A Índia fatura oito bilhões de dólares só em exportação de programas de computadores. No Brasil, falta vontade política e garra empresarial para ganhar este campo. As imagens programadas serão nossa grande oportunidade. Os novos aparelhos médicos, microscópios e aparelhos de Raios-X, com imagens digitais programadas trarão tantas vantagens técnicas e financeiras que transformarão em sucata todos os aparelhos usuais.



CONTROLE DO ESPAÇO AÉREO NOVA ATRAÇÃO NO MUSEU AEROSPAÇIAL

Brig.-do-Ar R1 Márcio Bbering Cardoso

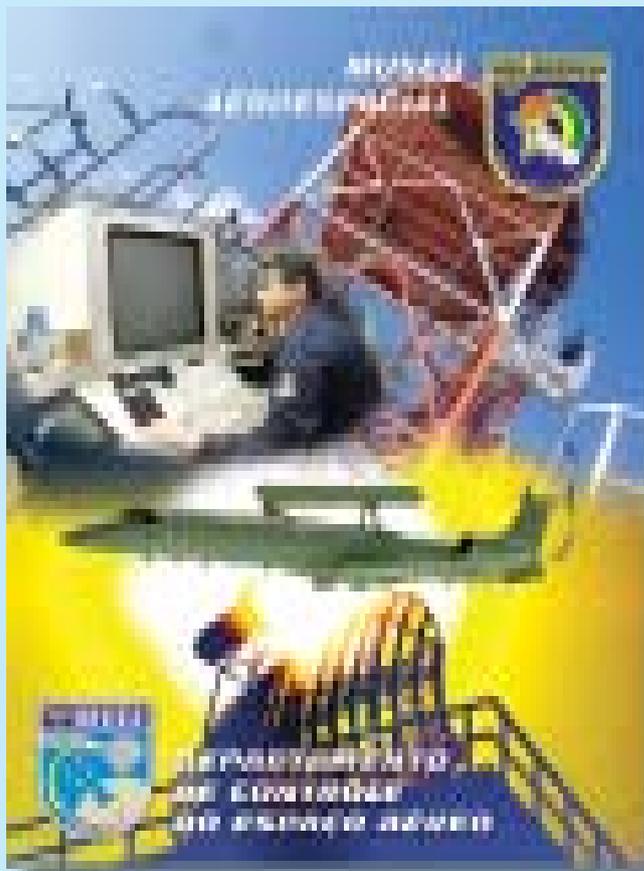
Desde sua inauguração, há quase trinta anos, o Museu Aeroespacial vem reunindo e expondo aeronaves de inestimável valor histórico, o que o torna o maior Museu de Aeronáutica do Hemisfério Sul.

Entretanto o MUSAL carecia de colocar em exibição objetos ligados à área do espaço aéreo e de seu controle, atividade fundamental na Aviação.

Na História do Controle do Espaço Aéreo, o Brasil desponta como pioneiro, com a concepção do Sistema Integrado de Defesa Aérea e Controle de Tráfego Aéreo (SISDACTA), fórmula de sucesso operacional implantada antes mesmo da criação do MUSAL.

A heróica e pioneira Diretoria de Rotas Aéreas (D.R.) foi reorganizada e ampliada na reforma administrativa de 1967 (Decreto nº 60.521), criando-se os CINDACTA, que hoje provêm cobertura efetiva em praticamente todo o território nacional.

Era hora de mostrar ao público, com uma exposição permanente e aberta, o que foi, o que é, e o que



será o controle de nosso espaço aéreo: uma espetacular malha – invisível pelas ondas eletromagnéticas, e visível ao pessoal que a opera – que coloca o Brasil entre os mais seguros e avançados sistemas de navegação aérea.

E a materialização dessa idéia está na Sala de Controle do Espaço Aéreo, inaugurada no dia sete de janeiro no Museu Aeroespacial, acolhido no lendário Campo dos Afonsos.

A sala é subdividida em três módulos: um relativo à História, o módulo central com consoles-radares reproduzindo as imagens e as conversas entre pilotos e controladores, e um módulo onde se projeta um filme institucional.

Congratulamo-nos com o Departamento de Controle do Espaço Aéreo (DECEA) que, pela visão do seu Diretor, Ten.-Brig.-do-Ar LENCASTRE, providenciou a montagem dessa Sala que proporcionará aos milhares de visitantes a constatação de estarmos numa rota segura, controlada por pessoas altamente qualificadas. ✈



MIRAGE 2000 BR

A solução brasileira para a defesa da nossa soberania.

***Mirage 2000 BR. Produzido no Brasil.
Completo domínio tecnológico e total autonomia nacional.***

Soberania assegurada pela combinação dos armamentos mais eficazes, fornecidos sem restrições, do melhor radar de sua classe e de um sistema de missão no estado da arte, integrados em plataforma de excelente desempenho e grande capacidade bélica. Poderio sem concorrência, provado em combate. Autonomia nacional garantida pela total transferência de tecnologia e pelo alto valor agregado pela Embraer, líder do Consórcio Mirage 2000 BR e a única empresa no Hemisfério Sul a dominar o ciclo de vida completo de aeronaves de alta sofisticação.

 **EMBRAER**